



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

O Novo Acordo Ortográfico e *La Nueva Ortografía* Implicações Pedagógicas

Vera de Jesus Santa Lavadinho

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em
**Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino
Secundário e do Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário**
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Henrique Manso

Covilhã, junho de 2012

Dedicatória

Aos meus pais, que sempre fizeram tudo por mim até à data.

Ao meu namorado, por todo o apoio e compreensão.

A tudo o que prescindi por isto.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, o meu sincero obrigado ao professor Henrique Manso, pela ajuda, paciência e amizade.

À professora Ana Elias Piedade, pelo seu contributo e disponibilidade, sem ela nada disto seria possível. Obrigado por me perguntar cada dia: “Como está a correr?”

Resumo

O presente trabalho pretende mostrar as principais alterações introduzidas, não só pelo Novo Acordo Ortográfico do Português, como pela *Nueva Ortografía del Castellano*.

Com a presente investigação procuramos averiguar em que medida os alunos e os professores, de ambos os países, já interiorizaram ou não as novas regras ortográficas, de acordo com os recursos disponíveis.

Palavras-chave

Acordo Ortográfico de 2010, *Nueva Ortografía de 1999*, *Nueva Ortografía de 2010*.

Abstract

This work aims at showing the main changes introduced, not only by the Novo Acordo Ortográfico do Português 2010 (New Orthographic Agreement of the Portuguese 2010), but by the Nueva Ortografía del Castellano (New Orthographic of the Castilian) as well.

Whit this research we seek to inquire about the extent into which students and teachers from both countries have by now internalized or not the new spelling rules, considering the available resources.

Keywords

Acordo Ortográfico de 2010, Nueva Ortografía de 1999, Nueva Ortografía de 2010.

Índice

Parte I	17
Capítulo I - O Novo Acordo Ortográfico	17
1 Introdução	17
2 A Ortografia Portuguesa	19
3 Exposição dos questionários dos alunos e professores	24
4 O Novo Acordo Ortográfico nos manuais, gramáticas e programas.....	31
Capítulo II - A ortografia castelhana.....	35
1 Breve resenha histórica.....	35
2 2. Alterações verificadas na <i>Nueva ortografía de 1999</i>	36
3 Mudanças na <i>Nueva ortografía</i> de 2010	41
4 Exposição e análise dos questionários dos alunos e professores	42
5 A “Nueva Ortografía” nos manuais, gramáticas e programa de espanhol	47
6 Propostas pedagógicas para melhor fixar o Novo Acordo Ortográfico e “La Nueva Ortografía”	48
7 Conclusão	50
Parte II – Prática Letiva	52
1 Introdução	52
Capítulo I - Contextualização do estágio.....	53
2 A Escola Básica Grão Vasco de Viseu	53
3 O estágio em Português	54
4 O estágio em Espanhol.....	55
Capítulo II - A atividade letiva	57
1 Português	57
2 Espanhol	95
Capítulo III – Atividades Extracurriculares	109
1 Português e Espanhol.....	109

Capítulo IV – Formação	110
1 Ações de formação.....	110
Conclusão	111
Bibliografia	112
Anexos.....	113

Lista de Figuras

- 1.1 - Testamento de D. Afonso II, rei de Portugal.....19
- 2.2 - Grammatica da Lingoagem Portugueza....20
- 2.3 - Grammatica da Lingoa Portuguesa.....20
- 2.4 - Ortographia da Lingoa Portuguesa.....21
- 2.5 - Ortographia de Nuno Álvaro Ferreira.....21
- 1.1 - Gramática de Nebrija..... 35
- 1.2 - Gramática de Mateo Alemán.....35
- 1.3 - Gramática de Gonzalo Correias.....35
- 2.1- Imagem da Escola Básica Grão Vasco de Viseu.....53

Parte I

Capítulo I - O Novo Acordo Ortográfico

1 Introdução

Importa referir, em primeiro lugar, que derivando do grego *orto*, “reto, direito, correto”, e *graphia*, “escrita”, o termo “ortografia” significa escrita correta.

O português é uma língua de comunicação internacional que conta com cerca de duzentos e trinta milhões de falantes em todo o mundo, sendo a terceira língua europeia mais falada no mundo, depois do inglês e do espanhol (e bem à frente do alemão, do francês e do italiano) e a sexta a nível mundial. É ainda uma língua que facilita a aprendizagem de outros idiomas como o espanhol, o italiano e o francês¹.

A questão do Acordo Ortográfico remonta a 1911 e, durante todo o século XX, foram várias as tentativas, entre Portugal e Brasil, de unificação da Língua Portuguesa, participando em muitas delas os países africanos lusófonos. Essas tentativas ocorreram em 1931, 1943, 1945, 1971/ 1973, 1986 e 1990, participando, nestas duas últimas tentativas, os novos países africanos, emergentes da descolonização portuguesa. O Novo Acordo Ortográfico foi assinado a 16 de dezembro de 1990 em Lisboa após uma reunião convocada pela Academia das Ciências de Lisboa que, em colaboração com as Academias do Brasil, elaboraram a base do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Era no início de 1994 que se previa a sua implementação em toda a lusofonia, depois de reunidos todos os instrumentos de ratificação de todos os Estados junto do Governo português. Ora, o acordo viria a ser aprovado pelo Brasil apenas em 1995.

Em Portugal, o Novo Acordo entrou em vigor no dia 1 de janeiro de 2012 nos documentos do Estado, vigorando em todos os serviços, organismos e entidades na tutela do Governo e no Diário da República. Ficou estabelecido que nas instituições de ensino e nos manuais escolares, a Nova Ortografia se utilizará progressivamente respeitando-se o ritmo das novas adoções. Pressupõe-se que em 2014 todos os manuais adoptados estejam de acordo com a Nova Ortografia. No entanto, há um período de adaptação iniciado a 13 de maio de 2009 e que vai até ao ano de 2015, período durante o qual serão permitidas as duas grafias.

A escolha deste tema teve em conta o facto de estas alterações ortográficas afetarem a sociedade em geral e a comunidade escolar em particular e ainda a particularidade de o país vizinho estar a atravessar uma situação similar à nossa, pelo que achei pertinente fazer uma comparação entre um e outro país no que diz respeito às mudanças na grafia das palavras.

¹ LOPES, Isabel Poço, PEIXINHO, Ana Teresa, *Acordo Ortográfico 2011 O que mudou no Português Europeu*, Coimbra, Universidade Católica, p. 13 a 19

É de salientar que o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 tem por objetivo criar uma ortografia unificada para o Português e ser usada por todos os países de língua oficial portuguesa. Foi assinado pelos representantes oficiais de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe em Lisboa, a dezasseis de dezembro de 1990. Previa-se a entrada em vigor deste acordo a um de janeiro de 1994, com a ratificação de todos os membros mas, como apenas Portugal a vinte e três de agosto de 1991, o Brasil em dezoito de abril de 1995 e Cabo Verde ratificaram o documento, a sua entrada em vigor ficou pendente.

Em julho de 2004, os chefes de estado e de governo da Comunidade dos Países de Língua portuguesa (CPLP), reunidos em São Tomé e Príncipe, aprovaram um Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico que, para além de permitir a adesão de Timor-Leste, previa que, em lugar da ratificação por todos os países, fosse suficiente que três membros da CPLP ratificassem o Acordo Ortográfico para que este entrasse em vigor nesses países.²

Em 2008, a Assembleia da República acabou por ratificar o Segundo Protocolo Modificativo em 16 de Maio. Entretanto, os chefes de Estado e de governo da CPLP, reunidos em Lisboa no dia vinte e cinco de julho de 2008, na *Declaração sobre a Língua Portuguesa* manifestaram “O seu regozijo pela futura entrada em vigor do Acordo Ortográfico, reiterando o compromisso de todos os Estados membros no estabelecimento de mecanismos de cooperação, com vista a partilhar metodologias para a sua aplicação prática”, segundo a Revista Lusófona da Educação.

A vinte e nove de setembro foi assinado o decreto da implementação da reforma no Brasil, que entrou em vigor em um Janeiro 2009. Em 2013 passou a ser totalmente obrigatória. O acordo ortográfico afecta cerca de 0,5 % do vocabulário do Brasil e 2% em Portugal, mas, na prática, a percentagem é muito maior na língua portuguesa, tanto mais que as palavras em causa são frequentemente usadas.

Metodologicamente partimos de alguma bibliografia com vista a fazer um enquadramento teórico da questão. Contudo, o objetivo central do trabalho consiste em averiguar como é que a comunidade educativa, alunos e professores, de ambos os países, estão a reagir às alterações introduzidas pelas Novas Ortografias. Parece-me que os professores serão os que têm mais dúvidas no que a este tema respeita, uma vez que os alunos, sendo de tenra idade, não têm a mesma memória visual das palavras que têm os adultos. Como trabalho de campo, elaborámos um inquérito dirigido tanto a alunos como a professores. Responderão a esse inquérito alunos do 7º Ano de escolaridade assim como dois professores de cada área disciplinar, o que me parece uma amostra suficientemente razoável para chegar a algumas conclusões. Serão igualmente objeto de análise os manuais de 7º Ano para o ano letivo que está a decorrer, quer o de Língua Portuguesa, quer o de Espanhol, Língua Estrangeira e também as gramáticas que estão ao dispor dos nossos alunos.

² CASTELEIRO, João Malaca, CORREIA, Pedro Dinis, *O Novo Acordo Ortográfico*, Lisboa, Texto, p. 3 a 6

2 A Ortografia Portuguesa

2.1 Mudanças ortográficas do Português até ao século XX

Importa referir, em primeiro lugar, que a questão ortográfica teve a sua origem na necessidade de fixar critérios e codificar a escrita, o que não significa que o sistema gráfico dela resultante seja perfeito ou definitivo.

O primeiro registo de língua portuguesa data de 1214, trata-se do testamento de D. Afonso II, rei de Portugal, como podemos verificar na imagem:

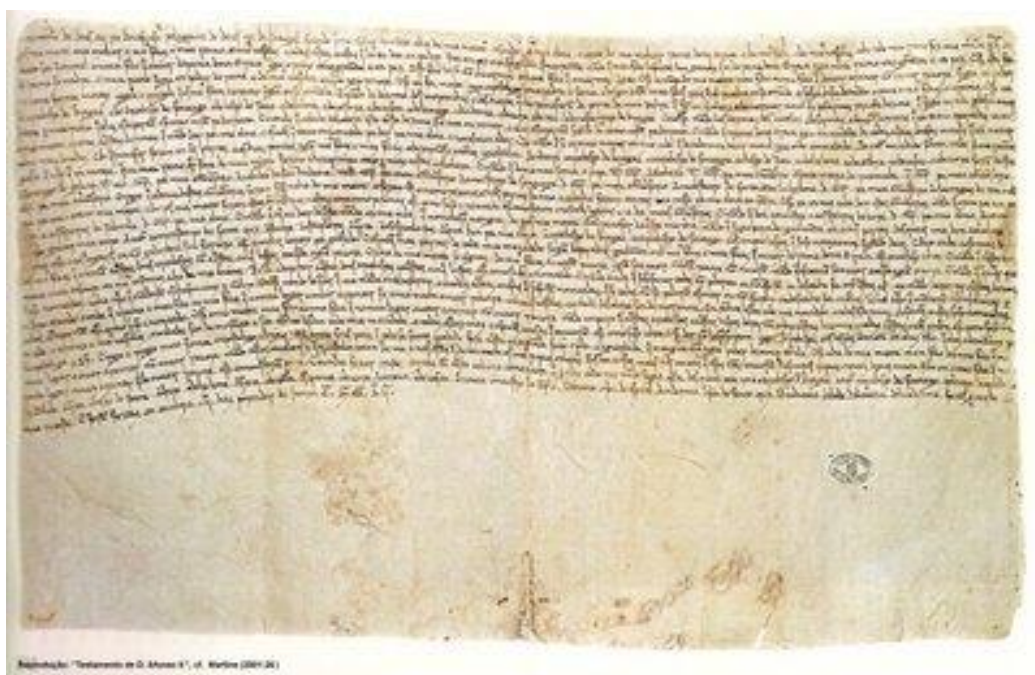


Figura 2.1 Testamento de D. Afonso II, rei de Portugal

No entanto a fixação do Português enquanto língua dá-se sobretudo a partir de D. Dinis, “o lavrador” e “o rei-poeta”, por estar ligado à agricultura e às letras, respetivamente, já que é a partir do seu reinado que todos os documentos se passaram a escrever em português. Até D. Dinis escrevia-se quase exclusivamente em latim, língua introduzida na Península Ibérica há cerca de dois mil anos pelos Romanos. O idioma lusitano espalhou-se pelo mundo nos séculos XV e XVI quando Portugal estabelece um império colonial e comercial, estendendo-se do Brasil, na América, a Goa, na Ásia. Até ao século XVI, as poucas pessoas que escreviam procuravam representar foneticamente os sons da fala, sem seguir uma norma, por exemplo, o som /i/ podia ser representado por /i/ ou por /y/ e a nasalidade era assinalada por /m/, /n/ ou por /til/.

Já em 1536, Fernão de Oliveira, o primeiro gramático português, chamava à atenção, na sua *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, para a necessidade de novos sinais gráficos para distinguir a representação das vogais abertas das vogais fechadas. No começo daquela obra, a Ortografia é nomeada a par do Acento, da Etimologia e da Analogia. Posteriormente,

em 1540, é publicada a *Gramática da língua Portuguesa*, de João de Barros, onde se dedica um capítulo à ortografia, dizendo que se trata de uma palavra grega que significa “a ciência de escrever diretamente”. Podemos ver as imagens ilustrativas que se seguem:

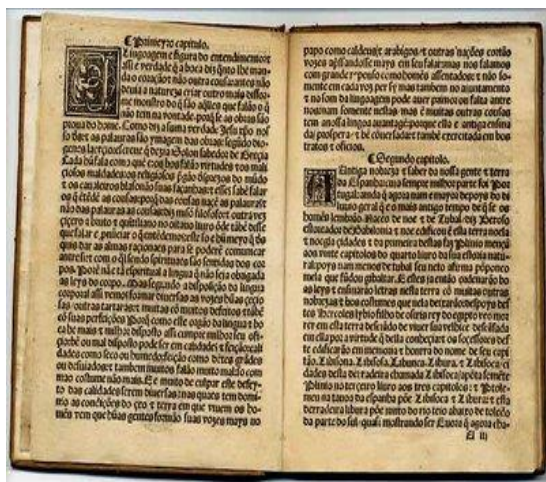


Figura 2.2 - Grammatica da Lingoagem Portugueza Portuguesa, de João de Barros



Figura 2.3 - Gramática da língua

Do século XVI até 1911 são recuperadas várias formas de origem latina e grega, por ação escritores de renome como Camões, Vieira e Garrett. Introduziram-se na escrita do português étimos latinos ou gregos, tais como *fecto*, de *factu*, (feito), *regno* (reino), *fructo* (fruto); consoantes duplas, que encontramos, por exemplo, em *fallar* ou os grupos consonânticos /ph/, /ch/, /th/ e /rh/, que antes praticamente ninguém usava e que se mantiveram longos anos em palavras como *pharmacia*, *lythografia* ou *Matheus*. Contudo, algumas destas etimologias eram falsas, resultando muitas vezes da ignorância ou do pretensiosismo, já que se introduziram letras ou que nem sequer eram pronunciadas e os que nem faziam parte do étimo original como nos vocábulos *esculptura*, *astma* e *character*. Por causa do mesmo processo, também o /y/ passou a figurar em muitos vocábulos, como *lythographia*, *typoia* e *lyrio*.

Já em 1576, Duarte Nunes de Leão, um dos primeiros gramáticos, reprovava a pseudo-etimologia nascente em *Ortographia da lingua portuguesa*, e o mesmo faria Álvaro Ferreira de Vera, em 1633, no seu livro *Ortographia*. D. Francisco Manuel de Melo, em meados do século XVII, usa na sua obra uma ortografia simplificada onde quase não havia consoantes duplas, sendo o /ph/ substituído por f (*pharmacia* - *farmácia*) e o /ch/ com som /k/, era substituído por /qu/ (*Achilles* - *Aquiles*).

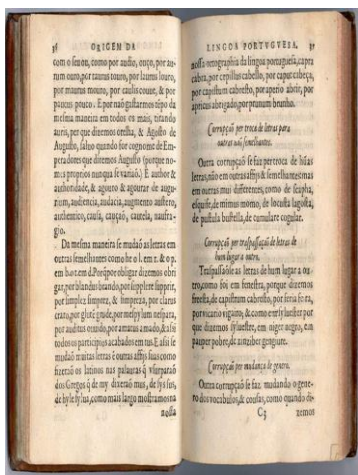


Figura 2.4 - Ortophographia da lingua portuguesa

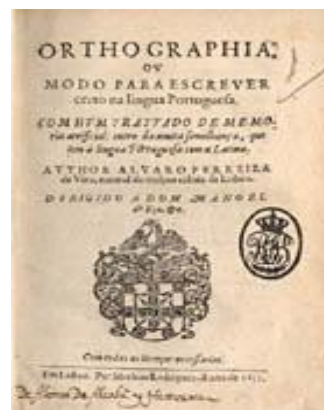


Figura 2.5 - Ortophographia de Nuno Álvaro Ferreira

Neste esforço de normalização da grafia do português, em 1666, Bento Pereira apresenta *As Regras geraes, breves e comprehensivas da melhor ortografia, com que se podem evitar erros no escrever da lngua latina e portugueza*, e um século mais tarde, Bernardo de Jesus Maria intitula a sua obra como *Grammatica philosophica e orthographia racional da lingua portugueza*.

No século XVIII, Luís António Verney apresentou também a sua proposta de ortografia simplificada, usando-a na redação da sua grande obra *O verdadeiro método de estudar*. O que é certo é que, na quase totalidade dos escritos da época, principalmente a partir da publicação, em 1734, da *Ortophographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza* de João de Moraes Madureira Feijó, se procurava a grafia mais complicada. Na *Grammatica Philosophica*, de Jerónimo Soares Barbosa, publicada em 1822, discute-se mais aprofundadamente sobre ortografia e sobre a sua integração na gramática. No princípio do século XIX, também Garrett defendia a simplificação ortográfica e criticava a ausência de uma norma. Nesse mesmo século, proliferaram os pretendentes a reformadores da ortografia, entre os que se contam, além de Garrett, António Feliciano de Castilho.

No decorrer do século XIX, insiste-se na falta de justificação para muitas das grafias complicadas que então se usavam, mas, por outro lado, caiu-se no extremo de mesmo aqueles que não possuíam as necessárias habilitações para o fazerem passarem a simplificar de forma abusiva, resultando daí uma desordem ortográfica total, onde cada um escrevia como lhe parecia melhor.

Discutem-se, durante o século XIX e ainda no século XX, nas obras a seguir mencionadas, uma maior ou menor aproximação da ortografia à oralidade: *Escritura repentina. Nova tentativa de revolução orthographica*, 1853, de J.A. de Sousa; *Escripta sem letras ou novo systema d'escripta syllabica*, 1866, de Francisco Xavier Calheiros; *Considerações sobre a Ortophographia Portugueza*, as de Barbosa Leão, que publica a sua obra anonimamente em 1875, e propõe uma reforma ortográfica “em sentido sónico” defendendo uma normalização absoluta, com base no sistema ‘um som - uma grafia’; José Tavares de Macedo, em 1861, preferiria “a orthographia chamada ‘de pronuncia’”, e Piero Gato, por volta de 1920, publica no Brasil a *Ortophographia fonetica da lingua luzo-brasileira*.

2.2 Reformas ortográficas no último século

Em 1910, com a implantação da República em Portugal, é nomeada uma comissão constituída por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Cândido de Figueiredo e Gonçalves Viana para estabelecer uma ortografia simplificada e uniforme, não só para ser usada nas publicações oficiais como também no ensino. Em 1911 oficializa-se, assim, a Primeira Reforma Ortográfica, que não foi estendível ao Brasil, uma vez que este país jamais poderia aceitar uma decisão unilateral, dando origem a duas ortografias - a brasileira e a portuguesa - e aos problemas resultantes do dualismo de ortografia da língua portuguesa. Esta reforma foi alvo de bastantes críticas, não muito diferente das que são feitas ao Acordo Ortográfico.

No entanto, vão sendo feitas várias tentativas de aproximação entre Portugal e Brasil até que, em 1943, os governos de um lado e do outro do Atlântico assinaram a Convenção «para a Unidade, Ilustração e Defesa do Idioma Comum» ou Acordo Ortográfico, que, dois anos depois, é rejeitado pelo poder político brasileiro. Desde então, a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira têm feito várias tentativas de unificação da língua portuguesa. É de 1988 a elaboração de um anteprojeto de bases de Ortografia Unificada da Língua Portuguesa, documento que está na origem do Acordo de 1990, tendo-se os académicos portugueses e brasileiros, assim como os representantes dos Governos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), reunido em Lisboa no sentido de transformar em lei o Acordo. O Acordo de 1990 foi assinado pelo Brasil no ano de 2004, por Cabo Verde no ano de 2005, por São Tomé e Príncipe em 2006, por Portugal no ano de 2008 e por Timor Leste no ano de 2009. Os restantes países, embora ainda não o tenham feito, já demonstraram intenção de assinar também o Acordo.

Ainda que este novo acordo ortográfico tenha entrado em vigor em Janeiro do ano de 2009, existe um período de transição, durante o qual ainda se pode utilizar a grafia atual e que vai até 2015.

2.3 O que muda com o acordo ortográfico de 1990³

a) A primeira mudança surge logo no alfabeto, que era constituído por vinte e três letras e que agora, com a inclusão do K (Capa ou Cá), do W (Dáblío) ou do Y (Ípsilon), passa a comportar vinte e seis letras, aproximando-se do chamado Alfabeto Internacional.

b) A segunda alteração tem que ver com o uso da letra minúscula. Passam a escrever-se obrigatoriamente com letra minúscula os meses e as estações do ano (janeiro, primavera), as formas de tratamento (fulano, beltrano), os axiónimos (senhor doutor Joaquim da Silva).

³ Todos os exemplos estão de acordo com: ESTRELA, Edite, SOARES, Maria Almira, LEITÃO, *Saber Usar a Nova Ortografia*, Carnaxide, Objetiva, 2011, p. 31 a 118

No entanto, é facultativo o uso da letra maiúscula nos bibliónimos, os vocábulo após o primeiro elemento (*História do Cerco de Lisboa* ou *História do cerco de Lisboa*), nos domínios do saber, cursos e disciplinas (Português ou português / Línguas e Literaturas Modernas ou línguas e literaturas modernas), nas categorizações de logradouros públicos, templos e edifícios (Rua da Liberdade ou rua da Liberdade / Palácio da Cultura ou palácio da Cultura). De salientar que em obras de especialidade ou usos específicos o uso da maiúscula inicial possa surgir para efeitos de destaque e reverência, entre outros, como por exemplo, livros de estilo (*Excelentíssimo, Doutor, Professor, Vossa Excelência*).

c) Para além disso, muitas das regras de acentuação foram simplificadas no Novo Acordo Ortográfico, contudo, poucas são as palavras afetadas pela mudança que essas regras provocam. Assim, desaparecem os acentos em algumas das palavras em que subsistiam (*para* (verbo), *para* (preposição), *pela* (do verbo *pelar*), *pelo* (nome). No entanto, existem algumas exceções, a saber: *pode* (presente do indicativo do verbo *poder*), *pôde* (pretérito perfeito do verbo *poder*), *por* (preposição), *pôr* (verbo). Elimina-se ainda o acento no ditongo <oi> em palavras graves e nas formas terminadas em <-eem> (*paranoico, jibóia*). O mesmo acontece com o acento gráfico sobre a letra <u> nas terminações verbais /que/ ou /ques/, /guê/ ou /guês/, /gui/ ou /guis/ e /qui/ ou /quis/: (delinquis, argui, oblique, delinquem, adeques).

d) No que à hifenização diz respeito, Casteleiro e Correia (2009: 18) afirmam, na sua obra, que o Novo Acordo estabelece uma reformulação das regras da *Convenção* de 1945 de forma clarificar e a tornar mais simples o emprego do hífen.

d.1) Assim, elimina-se o hífen nas formações por prefixação e recomposição onde o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o elemento a seguir começa por /r/ ou /s/, dobrando-se estas consoantes (antirreligioso, autorrádio, autosserviço, contrareação, contrarrelógio, cosseno, microssistema, minissaia).

d.2) Elimina-se ainda o hífen nas formações por prefixação e recomposição, em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o elemento seguinte começa igualmente por vogal, mas diferente daquela (agroindustrial, antiaéreo, autoestrada, coautor, codireção, extraescolar, hidroelétrico, plurianual).

d.3) No entanto, emprega-se o hífen sempre que, nas formações por prefixação e recomposição, o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o elemento imediatamente seguinte começa por vogal igual àquela, à exceção do prefixo /co-/, que aparece geralmente aglutinado, mesmo quando o elemento seguinte começa por /o-/ (anti-ibérico, contra-almirante, coobrigação, coocorrente, infra-axilar, micro-ondas, semi-interno).

d.4) Também as palavras compostas que designam espécies na área da botânica e da zoologia, ligadas ou não por um outro qualquer elemento ou preposição, escrevem-se sempre com hífen (abóbora-menina, couve-flor, erva-doce, feijão-verde, bem-me-quer, andorinha-grande, cobra-capelo, formiga-branca).

d.5) A última alteração prevista no Novo Acordo Ortográfico refere-se às ligações da preposição /de/ com as formas monossilábicas do presente de indicativo do verbo haver, passando a suprimir-se sempre (hei de, hás de, há de, heis de e hão de).

3 Exposição dos questionários dos alunos e professores

O caso que será estudado neste trabalho tem como objetivo averiguar de que forma a comunidade educativa, alunos e professores da Escola Básica Grão Vasco, estão a reagir em relação às alterações introduzidas pelo Novo Acordo Ortográfico. Para isso foram elaborados questionários dirigidos a quarenta docentes e cinquenta alunos aproximadamente, o que nos parece uma amostra suficientemente significativa. Seguem-se ambos os questionários que serviram de estudo para este caso.

3.1 Questionários dos professores e dos alunos, respetivamente.

Parte I

1. A1) Quantos anos tem?

- Menos de 25 anos
- Entre os 25 e 30 anos
- Entre os 31 e 40 anos
- Mais de 40 anos

A2) Sexo: Masculino ___

Feminino ___

A3) Qual é o seu grupo e área disciplinar? _____

Parte II

1. Conhece as alterações introduzidas pelo Novo Acordo Ortográfico?

Todas

Pequena parte

Grande parte

Nenhuma

2. Assinale, com uma cruz, os casos em que sente mais dificuldade na aplicação do Novo Acordo Ortográfico.

Alfabeto

Emprego da letra maiúscula ou minúscula inicial

Acentuação gráfica

Sequências consonânticas

Emprego do hífen

3. O seu manual já está de acordo com o Novo Acordo Ortográfico?

Sim

Não

4. Em que situações está a usar o Novo Acordo Ortográfico?

Registos de sala de aula

Instrumentos de avaliação

Informações para os Encarregados de Educação

Documentação do Conselho de Turma

5. Em que situações estão os seus alunos a usar o Novo Ortográfico?

Registos de sala de aula

Instrumentos de avaliação

Trabalhos de casa

6. A que recorre quando tem dúvidas?

Houaiss

Lince

Conversor Porto Editora

Outro Qual? _____

Parte I

1. Gostaria que me facultasses algumas informações sobre ti.

a. Idade: ____ anos b) Sexo: masculino feminino c) turma: ____

Parte II

1. Marca (com uma cruz) Verdadeiro ou Falso as seguintes afirmações.

V F

- | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| 1. O alfabeto da língua portuguesa é formado por 23 (vinte e três letras) | <input type="checkbox"/> |
| 2. As letras k, w e y mantêm-se nos vocábulos derivados de nomes estrangeiros. | <input type="checkbox"/> |
| 3. Os dias da semana, os meses e as estações do ano assim como os pontos cardeais escrevem-se com letra maiúscula. | <input type="checkbox"/> |
| 4. O uso da maiúscula inicial é opcional nos nomes que designam domínios do saber, cursos e disciplinas. | <input type="checkbox"/> |
| 5. Acentua-se graficamente o ditongo oi em sílaba tónica de palavras graves. | <input type="checkbox"/> |
| 6. Pode usar-se ou não o acento circunflexo na primeira pessoa do plural do Presente do conjuntivo do verbo dar. | <input type="checkbox"/> |
| 7. Eliminam-se todas as consoantes duplas. | <input type="checkbox"/> |
| 8. Usa-se o hífen em todos os nomes de plantas e animais compostos, à exceção de malmequer. | <input type="checkbox"/> |

Parte III

1. Quais dos teus manuais já estão de acordo com o Novo Acordo Ortográfico? Marca com uma cruz.

Língua Portuguesa	<input type="checkbox"/>	Geografia	<input type="checkbox"/>	Educação Tecnológica	<input type="checkbox"/>
Francês	<input type="checkbox"/>	Matemática	<input type="checkbox"/>	Educação Física	<input type="checkbox"/>
Inglês	<input type="checkbox"/>	Físico-Química	<input type="checkbox"/>	Educação Moral e	<input type="checkbox"/>
Espanhol	<input type="checkbox"/>	Ciências Naturais	<input type="checkbox"/>	Religiosa Católica	
História	<input type="checkbox"/>	Educação Visual	<input type="checkbox"/>		

2. Em que situações estás a usar o Novo Acordo Ortográfico? Marca com uma cruz.

Fichas de avaliação

- Fichas de trabalho
- Registos de sala de aula
- Trabalhos de casa

3. Em que disciplinas já estás a usar o Novo Acordo Ortográfico? Marca com uma cruz.

- | | | | | | |
|-------------------|--------------------------|-------------------|--------------------------|----------------------|--------------------------|
| Língua Portuguesa | <input type="checkbox"/> | Geografia | <input type="checkbox"/> | Educação Tecnológica | <input type="checkbox"/> |
| Francês | <input type="checkbox"/> | Matemática | <input type="checkbox"/> | Educação Física | <input type="checkbox"/> |
| Inglês | <input type="checkbox"/> | Físico-Química | <input type="checkbox"/> | Educação Moral e | <input type="checkbox"/> |
| Espanhol | <input type="checkbox"/> | Ciências Naturais | <input type="checkbox"/> | Religiosa Católica | <input type="checkbox"/> |
| História | <input type="checkbox"/> | Educação Visual | <input type="checkbox"/> | | |

Parte IV

1. Assinala a posição que cada uma das novas letras ocupa no alfabeto.

- O “K” vem depois do ___
- O “W” vem depois do ___
- O “Y” vem depois do ___

2. Assinala as opções corretas de acordo com a norma relativa ao uso das maiúsculas e minúsculas.

- | | | | |
|------------------------------------------|--------------------------|------------------------------------------|--------------------------|
| a) Sábado | <input type="checkbox"/> | e) português | <input type="checkbox"/> |
| sábado | <input type="checkbox"/> | Português | <input type="checkbox"/> |
| As duas opções anteriores estão corretas | <input type="checkbox"/> | As duas opções anteriores estão corretas | <input type="checkbox"/> |
| b) janeiro | <input type="checkbox"/> | f) Senhor Doutor Manuel | <input type="checkbox"/> |
| Janeiro | <input type="checkbox"/> | senhor doutor Manuel | <input type="checkbox"/> |
| As duas opções anteriores estão corretas | <input type="checkbox"/> | As duas opções anteriores estão corretas | <input type="checkbox"/> |
| c) Primavera | <input type="checkbox"/> | g) santo António | <input type="checkbox"/> |
| primavera | <input type="checkbox"/> | Santo António | <input type="checkbox"/> |
| As duas opções anteriores estão corretas | <input type="checkbox"/> | As duas opções anteriores estão corretas | <input type="checkbox"/> |
| d) As Pupilas do Senhor Reitor | <input type="checkbox"/> | h) Rua da Liberdade | <input type="checkbox"/> |
| As pupilas do senhor reitor | <input type="checkbox"/> | rua da Liberdade | <input type="checkbox"/> |
| As duas opções anteriores estão corretas | <input type="checkbox"/> | As duas opções anteriores estão corretas | <input type="checkbox"/> |

3. Assinala com uma cruz as palavras que obedecem à seguinte regra de acentuação:
 Não se acentua graficamente o ditongo /oi/ em sílaba tónica de palavras graves.

<input type="checkbox"/>	alcaloide	<input type="checkbox"/>	boiar	<input type="checkbox"/>	Depois	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	androide	<input type="checkbox"/>	boina	<input type="checkbox"/>	doidice	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	asteroide	<input type="checkbox"/>	coitado	<input type="checkbox"/>	endoidar	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	boia	<input type="checkbox"/>	comboio	<input type="checkbox"/>	goiaba	<input type="checkbox"/>

4. Assinala com uma cruz as palavras que estão escritas corretamente de acordo com a nova regra de acentuação.

<input type="checkbox"/>	a) crêem	<input type="checkbox"/>	c) pêlo	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	creem	<input type="checkbox"/>	pelo	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	as duas opções anteriores estão corretas	<input type="checkbox"/>	as duas opções anteriores estão corretas	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	b) pára	<input type="checkbox"/>	d) pera	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	para	<input type="checkbox"/>	pêra	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	as duas opções anteriores estão corretas	<input type="checkbox"/>	as duas opções anteriores estão corretas	<input type="checkbox"/>

5. Assinala com uma cruz as opções corretas de acordo com a norma relativa à escrita das consoantes mudas.

<input type="checkbox"/>	ação	<input type="checkbox"/>	adoptar	<input type="checkbox"/>	habitante
<input type="checkbox"/>	projecto	<input type="checkbox"/>	adoção	<input type="checkbox"/>	todas as opções estão corretas
<input type="checkbox"/>	seleccionar	<input type="checkbox"/>	ótimo	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	accionar	<input type="checkbox"/>	opção	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	contacto	<input type="checkbox"/>	humidade	<input type="checkbox"/>	

6. Assinala as opções certas de acordo com a regra da hifenização.

<input type="checkbox"/>	circum-navegação	<input type="checkbox"/>	ano-luz	<input type="checkbox"/>	pró-acordo
<input type="checkbox"/>	pan-americano	<input type="checkbox"/>	há de	<input type="checkbox"/>	todas as opções estão corretas
<input type="checkbox"/>	pós-graduação	<input type="checkbox"/>	contra-ataque	<input type="checkbox"/>	todas as opções estão erradas
<input type="checkbox"/>	reeleito	<input type="checkbox"/>	super-homem	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	pré-aviso	<input type="checkbox"/>	ex-presidente	<input type="checkbox"/>	

3.2 Análise dos questionários

Os questionários acima apresentados foram resolvidos por cinco elementos de cada turma de todos os 7^{os} Anos de Escolaridade, perfazendo um total de cinquenta alunos, o que nos parece uma amostra suficientemente significativa. Os alunos estudados têm idades compreendidas entre os doze e os treze anos e variam entre o sexo masculino e feminino.

Passando de imediato à análise dos mesmos, verificamos que a maioria dos alunos tem conhecimento de que o alfabeto deixou de ser composto por vinte e três letras e que agora também as letras /k/, /w/ e /y/ forma integradas no abecedário. Estas letras mantêm-se nos vocábulos derivados de nomes estrangeiros e, quarenta e três alunos têm bem presente esta regra. Apenas seis alunos consideram a afirmação falsa e um não sabe ou não responde.

Quanto ao uso das letras maiúsculas e minúsculas, parece-nos não haver quaisquer problemas, já que quarenta e oito dos cinquenta alunos estudados têm bem presente que os dias da semana, os meses e as estações do ano, assim como os pontos cardeais se passaram a escrever com letra minúscula. Também a maioria dos alunos, mais concretamente trinta e sete elementos, sabem que o uso da maiúscula inicial é opcional nos nomes que designam domínios do saber, cursos e disciplinas.

A situação da acentuação gráfica do ditongo /oi/ em sílaba tónica de palavras graves também não é um aspeto preocupante, uma vez que trinta e seis dos alunos interiorizou esta regra.

Muito idênticos estão os resultados no que à acentuação gráfica se refere, isto é, apenas vinte e um alunos afirmam ser opcional o uso do acento circunflexo na primeira pessoa do plural do presente do conjuntivo do verbo “dar”, enquanto vinte e seis alunos consideram essa afirmação falsa. Os outros três alunos não sabem ou não respondem.

No que concerne às consoantes duplas, o caso é muito idêntico ao ponto anterior, uma vez que vinte dos cinquenta alunos estudados consideram que, nestes casos se elimina sempre uma consoante. Ainda assim, verificámos que a maioria dos alunos, mais concretamente, vinte e sete alunos, considera esta afirmação falsa.

O caso que nos parece mais preocupante tem que ver com o uso do hífen em todos os nomes compostos de plantas e animais, à exceção da palavra “malmequer”. Dizemos isto porque, o estudo realizado mostra-nos que apenas dezanove dos cinquenta alunos consideram a afirmação anterior verdadeira e, a maioria, ou seja, vinte e nove alunos consideram-na falsa. Apenas dois dos alunos não sabem ou não respondem.

Passámos de seguida ao tratamento da parte III dos questionários onde tivemos oportunidade de verificar que os dados não são consensuais. Ora vejamos, quarenta e seis alunos afirmam //que o manual de Língua Portuguesa se encontra de acordo com o Novo Acordo Ortográfico. Seguindo em ordem decrescente, trinta e dois alunos afirmam que o manual da disciplina de

Matemática está conforme as novas regras ortográficas. Seguem-se as disciplinas de Ciências Naturais, com vinte alunos, as de História e Geografia, ambas com dezoito alunos.

Cinco alunos referem ainda que também os manuais de Educação Visual, Educação Física e Educação Moral e Religiosa Católica, estão conforme as novas regras ortográficas. Por último, quatro alunos mencionam que o manual de Educação Tecnológica está conforme as regras ortográficas.

No entanto, os dados estão muito equiparados no que à seguinte questão diz respeito, ou seja, vinte e dois alunos dizem estar a usar o Novo Acordo Ortográfico nas fichas de avaliação e igualmente nos registos de sala de aula. Também por ordem decrescente, dezasseis alunos referem estar a utilizá-lo em fichas de trabalho e, por último, outros quinze alunos revelam estar a usá-lo nos trabalhos de casa.

As disciplinas em que onde os alunos dizem maioritariamente estar a usar o Novo Acordo Ortográfico são, por ordem decrescente: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza, História, Geografia, Físico-Químicas, Espanhol, Educação Moral e Religiosa Católica, Educação Física, Educação Visual, Inglês, Educação Tecnológica e Francês.

A questão que se segue prende-se com a posição que cada uma das letras ocupa no alfabeto português, a saber: /k/, /w/ e /y/. Quarenta e dois dos alunos sabem que a primeira letra mencionada anteriormente vem depois do /j/, trinta e oito alunos que a segunda letra inserida no abecedário vem depois do /v/ e trinta e cinco alunos sabem que a última letra que integrou o alfabeto português vem depois do /x/.

Na segunda questão da parte IV dos questionários pretendia-se que os alunos assinalassem a opção correta. Embora o número não seja exatamente igual, continuamos a verificar que a grande maioria interiorizou a regra do uso da minúscula no que concerne aos dias da semana, aos meses e às estações do ano. Ainda assim, parece-nos que persistem dúvidas no que respeita ao uso da maiúscula ou minúscula nos títulos dos livros, uma vez que apenas dez alunos da amostra recolhida sabem que o uso de uma ou de outra é opcional. Parece-nos estranho que a maioria dos alunos tenha assinalado a opção de um título de um livro escrito com letras minúsculas, excetuando a primeira letra, quando essa possibilidade não era regra antes do Acordo de 1990.

A nova regra da acentuação do ditongo /oi/ em sílaba tónica de palavras graves não nos parece problemática. Ora vejamos, a grande maioria dos alunos sabe que as palavras “comboio” e “alcaloide” perderam o acento gráfico, tal como a palavra “boina”, que já se escrevia sem acento. Mais de vinte alunos assimilaram que também nas palavras “androide”, “boia” e “asteroide” desaparece o acento gráfico. Mais de metade dos alunos não se esqueceu que as palavras “coitado”, “doidice”, “goiaba”, “depois”, “boiar” e “endoidar” nunca levaram acento.

A grande maioria dos alunos já interiorizou a perda do acento circunflexo na terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo “crer” e da terceira pessoa do singular do presente de indicativo do verbo “parar”, ao invés da palavra “pera”, uma vez que a grande

maioria pensa ser opcional o uso deste acento. No entanto, quase metade dos alunos parece ter interiorizado o desaparecimento do acento circunflexo do substantivo “pelo”.

Chegámos à conclusão que não há quaisquer dúvidas no que às consoantes mudas diz respeito, já que nas palavras como: ação, selecionar, adoção, ótimo, humidade e habitante, a grande maioria dos alunos assinala-as como estando corretamente escritas. Metade da amostra recolhida considera que a palavra “opção” não perdeu a letra /p/ e apenas doze alunos referem que a palavra “contacto” continua a escrever-se como a anterior ortografia. Menos preocupante estão os seis alunos que demonstram não ter ainda assimilado o desaparecimento das consoantes mudas /c/ e /p/, mais concretamente nas palavras “proje(c)to”, “a(c)cionar e ado(p)tar”. De salientar que apenas um aluno considera que todas as palavras acima mencionadas estão corretamente escritas.

A última questão tinha o mesmo objetivo do exercício anterior, onde todas as palavras estão escritas de acordo com o Novo Acordo Ortográfico. Também neste ponto os alunos parecem não revelar muitas dúvidas, à exceção de dois alunos que consideram todas as opções incorretas.

Partindo para a análise dos questionários dos professores, podemos verificar que todos têm idades compreendidas entre os trinta e seis e os quarenta anos e que apenas dois são do sexo masculino. Ninguém revela ter conhecimento de todas as alterações introduzidas pelo Novo Acordo Ortográfico mas, também ninguém demonstra não conhecer nenhuma alteração. Mais de cinquenta por cento dos docentes revelam conhecer grande parte das novas regras. Ainda assim, a maior parte dos professores revela ter mais dificuldades no emprego do hífen. Em menor percentagem estão os professores que revelam ter dificuldade nas sequências consonânticas e na acentuação gráfica. Os professores referem que os manuais que estão de acordo com as novas regras ortográficas são os de Língua Portuguesa, Matemática, Artes Visuais e Ciências Físico-Químicas. De salientar que os docentes utilizam o Novo Acordo Ortográfico de acordo com a seguinte ordem decrescente: registos de sala de aula, instrumentos de avaliação e documentação do conselho de turma e em último lugar em informações para os encarregados de educação, recorrendo maioritariamente, no caso de eventuais dúvidas ao Conversor da Porto Editora e ao Lince.

4 O Novo Acordo Ortográfico nos manuais, gramáticas e programas.

O manual que será objeto de estudo denomina-se *Diálogos 7* da Porto Editora.

Para começar e, olhando para a capa do mesmo, podemos desde logo verificar que se encontra de acordo com o Novo Acordo Ortográfico, uma vez que vem aí referenciado.

Na contracapa podemos deparar-nos com palavras como “atividades”, “projeto2”, “autoavaliação”, “interativos”, “adotar”, “setembro” e “objeto”. Podemos dizer que desde as primeiras páginas deste manual encontramos palavras que nos ajudam, não só a

professores como também a alunos, a melhor fixar as regras ortográficas. No entanto, na área destinada aos recursos disponíveis para o professor, mais concretamente na parte designada BRIP (Banco de Recursos Interativos para o Professor), podemos encontrar a palavra “carácter”, o que nos leva a pensar que talvez pudesse tratar-se de um equívoco ou quiçá de um caso de dupla grafia.

Logo na página número um do manual em estudo podemos encontrar a seguinte nota: “Este livro respeita a nova ortografia, considerando a calendarização definida pela Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC) para a aplicação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, tendo-se mantido a ortografia anterior quando os critérios pedagógicos assim o exigiram”.

No índice geral podemos encontrar maioritariamente palavras que perderam as chamadas consoantes mudas, como por exemplo as palavras “adjetivo”, “ditongo”, “atividades”, “ações”, “direto”, “indireto” e “defetivo”. Mas, para além destas, podemos encontrar uma referência às novas regras respeitantes à hifenização, como por exemplo na palavra “autorretrato”.

Avançando para a unidade número um chamada “Diários e Memórias”, retirado de um diário da escritora Luísa Dacosta, podemos verificar a autenticidade do texto, uma vez que mantém a ortografia anterior. Serve de exemplo a palavra “expectativa”. No entanto, todas as atividades de pós-leitura, sejam tarefas de interpretação do texto, gramaticais ou de escrita, e desde que nelas não constem frases retiradas do texto, todas essas palavras estão de acordo com as novas regras ortográficas. Pode verificar-se nas seguintes palavras: “construção”, “coletiva”, “adjetivos”, “objetiva”, “correto”, “atividades” e “direto”.

Folheando o livro, verificamos que todos os textos estão de acordo com os originais, isto é, com as anteriores regras ortográficas e que todas as atividades propostas seguem o Novo Acordo Ortográfico. Ou seja, todo o manual segue a mesma estrutura, do início ao fim.

Na página duzentos e quarenta e um do manual, os alunos têm ao seu dispor algumas das principais alterações introduzidas pela nova ortografia, um elemento fundamental para consultar no caso de haver dúvidas, já que a biblioteca da escola não tem gramáticas que estejam de acordo com o Novo Acordo Ortográfico ao dispor dos seus estudantes e professores.

Embora todo o caderno de atividades esteja escrito de acordo com o Novo Acordo Ortográfico do Português, a verdade é que no mesmo não constam exercícios para que os alunos fixem melhor as novas regras ortográficas.

Falemos então do programa de Língua Portuguesa da Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. É de salientar que, embora o Programa de Português do Ensino Básico, homologado em março de 2009 pelo Ministério da Educação, não esteja de acordo com o Novo Acordo Ortográfico, é certo que, junto com o manual de Língua Portuguesa, exemplar do professor, vem a atualização do programa, este já escrito com as novas regras ortográficas. Neste caso serve apenas para a Língua Portuguesa referente ao 3º Ciclo, definida para o manual *Diálogos*:

“Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa”.

Quanto às gramáticas existentes na biblioteca da escola, é de referir que este foi o primeiro ano em que o Novo Acordo Ortográfico entrou em vigor nas instituições de ensino, pelo que não podemos, de momento, encontrar nenhuma que esteja escrita de acordo com as novas regras ortográficas. No entanto, não nos parece problemático pois os alunos têm outros recursos on-line tais como: Lince, Conversor da Porto Editora e Houaiss, onde podem esclarecer eventuais dúvidas que possam existir. São úteis na ausência de outros materiais em suporte papel.

Capítulo II - A ortografia castelhana

1 Breve resenha histórica

A história da ortografia castelhana é constituída por uma série de etapas, sendo a primeira protagonizada por *Alfonso X, el Sabio*, que, ao escolher o castelhano como língua oficial do reino, criou assim as primeiras bases da sua ortografia. Esta etapa vai até ao primeiro terço do século XV.

Contudo, é a primeira gramática do castelhano, datada de 1492, da autoria de Elio Antonio de Nebrija, que pela primeira vez vem fixar uma norma para esta língua, já que até à data, e como acontecia também com o português, as poucas pessoas que sabiam escrever o faziam como entendessem. A esta segue-se a gramática de *Mateo Alemán*, em 1609, e a de *Gonzalo Correas*, em 1627, versão que seria ampliada e corrigida em 1630.



Figura 1.1 - Gramática de Nebrija Figura 1.2 - Gramática de Mateo Alemán Figura 1.3 - Gramática de Gonzalo C.

Mas só com a fundação de uma instituição cultural, que tem sobrevivido ao longo dos séculos para bem da língua, denominada *Real Academia Española*, em 1714, é que se atinge o ideal de fixação, de acordo com a rotina ideal do dia, a pureza da linguagem. Foi criada por ordem do monarca Felipe V com o seguinte lema “limpia, fija y da esplendor”. É com a *Real Academia Española* que desaparecem todas as hesitações relativamente às diferentes normas. A primeira obra publicada foi o *Diccionario de Autoridades*, edição que data de 1741.

As principais novas normas ortográficas presentes no *Diccionario*, de 1741, são as seguintes:

- as grafias /ss/, /ç/ e /x/ passam a ser /s/, /z/ e /j/, respetivamente
- os grupos /ph/, /th/ e /ch/ passam a escrever-se /p/, /t/ e /c/
- emprega-se a letra /y/ como consoante em vez da letra /i/

É somente em 1999 que a *Real Academia Española*, em conjunto com as *Academias de la lengua española* da América Latina e das Filipinas, publica uma edição da *Ortografía española*, que vigorará até finais de 2010, altura em que edição de base é ampliada e detalhada, passando a constituir a norma ortográfica a seguir na atualidade.

2 2. Alterações verificadas na *Nueva ortografía de 1999*

Tal como todas as outras línguas românicas, também o espanhol se serviu do alfabeto latino, que foi adaptado e completado ao longo dos séculos. Assim, o alfabeto espanhol, em 1803, ficou constituído por vinte e nove letras, podendo cada uma delas adotar a figura e tamanho de maiúscula ou minúscula. A *Real Academia Española* estabelece assim uma série de alterações, tais como as que se seguem:

a) A primeira alteração tem que ver com o uso das maiúsculas. Logo, o emprego da maiúscula não dispensa a colocação de acento gráfico sempre que a regra da acentuação assim o exija (Álvaro, SÀNCHEZ). No entanto, se a palavra começar por um dígrafo, como é o caso de /ll/, /ch/, /gu/ e /qu/, antes de /e/ ou /i/, apenas se escreverão com maiúscula a letra inicial (Chullida, Guillermo, Llerena, Quevedo, Guerrero, Quilmes). As letras /i/ e /j/ maiúsculas escrever-se-ão sem ponto (Inés, Javier, Juvenal).

Embora se empreguem letras maiúsculas para destacar palavras ou frases completas de algo escrito, há que seguir as seguintes indicações:

Nas capas e na primeira página dos livros impressos, nos títulos de cada uma das suas divisões internas como partes, capítulos e cenas, ou nas inscrições monumentais (BENITO PÉREZ GALDÓS, FORTUNATA Y JACINTA).

Nas siglas e acrónimos (ISBN, UNESCO, OTI, OMS).

No cabeçalho dos diários e revistas (HERALDO DE ARAGÓN, EL TIEMPO).

A numeração romana é utilizada para significar o número ordinal com que se distinguem pessoas do mesmo nome (especialmente papas e reis), como *Pío V*, *Felipe II* e *Fernando III*; o número de cada século, como século XVI, o de um volume, livro, parte, canto, capítulo, título, lei, classe e outras divisões, e das páginas que assim vão numeradas nos prólogos e princípios de um volume. Desta forma, nos textos jurídicos e administrativos, decretos, sentenças, editais, certificados ou requerimentos, o verbo ou verbos que apresentam, o objetivo fundamental vai escrito com letra maiúscula (CERTIFICA, EXPONE, SOLICITA).

O uso da maiúscula inicial rege-se pela posição que ocupa na palavra (e, em consequência, pela pontuação exigida em cada caso), pela sua condição ou categoria de nome próprio e ainda por outras circunstâncias. Assim, em função da pontuação, escrever-se-ão com letra inicial maiúscula a primeira palavra de algo escrito e a que vá depois de um ponto final (Hoy no ire. Mañana puede que sí.), a palavra que aparece após as reticências, quando estas encerram um enunciado (No sé si... Sí, iré.), a que vem depois de um ponto de interrogação ou exclamação fechado (?) ou (!) se não se interpõe uma vírgula, um ponto e

vírgula ou dois pontos (¿Dónde? En la estantería), a palavra que vai depois dos dois pontos, sempre que se siga o formato de uma carta ou documento jurídico-administrativo ou reproduza palavras textuais (Muy señor mío: Le agradeceré.../ Pedro dijo: “No volveré hasta las nueve”).

Em função da condição ou categoria, escrever-se-ão com letra inicial maiúscula todos os nomes próprios tais como os que se seguem: nomes de pessoas, animais ou coisas singulares (Pedro, Caupolicán, Platero, respetivamente), nomes geográficos e, quando o artigo faça parte do nome próprio, ambas as palavras começarão por letra maiúscula (América, El Salvador), apelidos e, no caso do apelido que comece por preposição, por artigo, ou por ambos, estes escrever-se-ão com maiúscula apenas quando encabeçem a denominação (Álvarez, Diego de Felipe), nomes de constelações, estrelas, planetas, astros, estritamente considerados como tal (El Sol es el astro central de nuestro sistema planetario/ Tomar el sol).

No entanto, se o nome se refere, no caso do Sol e da Lua, aos fenómenos sensíveis deles derivados, escrevem-se com letra minúscula (Tomar el sol, Noches de luna llena). No caso da Terra, todos os usos não referidos a ela enquanto planeta aludido na sua totalidade, escrever-se-ão também com minúscula (La tierra de mis padres).

Também os nomes dos signos do Zodíaco se escrevem com maiúscula. Mas, quando o nome próprio deixa de sê-lo porque designa as pessoas que nasceram baixo esse signo, escrever-se-á com minúscula (Tauro/ Juan es tauro), os nomes dos pontos cardeais, quando nos referimos a eles explicitamente, exceto se o nome se refere à orientação ou direção correspondentes a estes pontos (La brújula señala el Norte/ Viajamos por el sur de España), os nomes de festividades religiosas ou civis (Pentecostés, Navidad, Día de la Constitución), os nomes de divindades (Dios, Jehová, Alá, Juno, Apolo), os nomes dos livros sagrados (Biblia, Corán, Avesta Talmud), os atributos divinos ou apelativos referidos a Deus, Jesus Cristo ou à Virgem Maria (Todopoderoso, Cristo, Mesías, Inmaculada, Purísima), os nomes das ordens religiosas (Cartuja, Merced, Temple, Carmelo) e os nomes das marcas comerciais (Coca-Cola, Seat).

Em função de outras circunstâncias, escrevem-se com letra maiúscula os sobrenomes e os cognomes com que se designa a determinadas pessoas (el Libertador, el Sabio, Clarín), quando por antonomasia se empregam apelativos no lugar do nome próprio ou se designam conceitos ou factos religiosos (el Sabio (por Solomón, la Revelación), os tratamentos, mas só se estão em abreviatura, caso contrário, escrever-se-á com minúscula (V. ou U./ usted), os substantivos e os adjetivos que compõem o nome de instituições, entidades, organismos, partidos políticos (la Biblioteca Nacional, la Inquisición, el Tribunal Supremo), os nomes, quando significam entidade ou coletividade como organismo determinado (la Universidad, el Estado, el Reino, la Iglesia) e a primeira palavra do título de qualquer obra. Contudo, nas publicações jornalísticas e coleções, escrevem-se com maiúsculas os substantivos ou adjetivos que formam o título (El rayo que no cesa. / Nueva Revista de Filología Hispánica), os nomes das disciplinas científicas enquanto tal (Soy licenciado en Biología. / Me gustan las matemáticas), o primeiro dos nomes latinos que designam espécies de animais e plantas

(*Pimpinella anisum*, *Felis leo*), os nomes latinos ou não de grupos zoológicos e botânicos superiores ao género. No entanto, escrever-se-ão com minúscula se forem adjetivos ou substantivos que não signifiquem ordem (orden Roedores, Familia Leguminosas).

Continuam a escrever-se com maiúsculas os nomes de determinadas entidades se estas se considerarem conceitos absolutos (la Libertad, la Ley, la Paz, la Justicia, La libertad de expresión, La ley de la gravedad), os nomes das datas, épocas, acontecimentos históricos, movimentos religiosos, políticos ou culturais (la Angüedad, la Escolástica, el Renacimiento), os conceitos religiosos sempre que designem diretamente tais conceitos, caso contrário escrevem-se com minúscula (el Paraíso / Su casa era un paraíso).

O uso da maiúscula deve-se à expressividade, como por exemplo, nos títulos, cargos e nomes de dignidade (Rey, Papa), exceto quando estes acompanham o nome (rey Juan Carlos), ou quando estejam usados em sentido genérico (El papa, el rey y el duque están sujetos a morir, como lo que está cualquier otro hombre). No entanto, podem escrever-se com maiúscula quando não aparece expreso o nome próprio da pessoa ou o lugar e, pelo contexto, o consideramos referidos a alguém a quem pretendemos destacar (El Rey inaugurará la nueva biblioteca). Também é costume particular das leis, decretos e documentos oficiais, escrever com maiúsculas as palavras deste tipo: *el Rey de España*, *el Presidente del Gobierno*, *el Secretario del Estado de Comercio*.

b) A *Nueva Ortografía del Español* recomenda escrever com minúscula inicial os nomes dos días da semana, os meses e as estações do ano (El lunes es su día de descanso / La primavera empieza el veintiuno de marzo). Em algumas palavras de cariz publicitário ou propagandístico. Este uso destina-se a destacar certas palavras, idêntico ao recurso oposto, constituído em empregar as minúsculas quando assim a norma o exige. Logo, não se deve estender o emprego de intenção expressiva de maiúsculas ou minúsculas a outros tipos de escritos.

c) A terceira grande alteração tem a ver com a acentuação. Sabemos que as palavras se podem classificar em “agudas”, “graves” ou “llanas”, “esdrújulas” e ainda em “sobresdrújulas”, mais uma nomenclatura do que no português. Acentuam-se graficamente todas as palavras graves terminadas em vogal, /n/ ou /s/. A exceção está nas palavras agudas terminadas em /s/, cuja letra imediatamente anterior é também uma consoante (tictacs, robots). Também as terminadas em /y/ não levam acento (virrey, papay, convoy). As palavras “graves” ou “llanas” levam acento gráfico sempre que não terminem em vogal, /n/ ou /s/ (ágil, árbol). No entanto, se a palavra “grave” terminar em /s/ precedida de consoante, vai acentuada (bíceps, fórceps, cómics). Também as palavras graves terminadas em /y/ devem levar acento (póney, jóquey). As palavras “esdrújulas” e “sobresdrújulas” levam sempre acento na sílaba tónica (indígena, telefono, súbito, gánatela).

A acentuação nos ditongos e tritongos seguem as regras gerais da acentuação das palavras “agudas”, “graves” ou “esdrújulas”. Os tritongos levam sempre acento na vogal aberta (bonsai, jesuíta, adecuar, murciélagos).

Ao contrário dos ditongos e dos tritongos, os hiatos são sequências de duas vogais que não se pronunciam dentro da mesma sílaba. Os hiatos formados por duas vogais iguais ou por duas vogais abertas seguem as regras gerais da acentuação: todas as palavras cujos hiatos são formados por uma vogal aberta átona e uma vogal fechada ou vice-versa, levam acento, independentemente da regra de acentuação o exigir ou não (país, caía, raiz, reír, increíble, día, pie, río).

Os monossílabos não se acentuam (fe, sol, gran, gris, da, ves, fui, bien, mal, no, un). Mas, se em vez de se pronunciar como ditongo e se passar a pronunciar como hiato, já se escreverá da seguinte forma: (fié, huí, riáis, guión, Sión). Ainda existem os monossílabos que levam acento diacrítico, de forma a distinguir gramaticalmente duas palavras que se pronunciam da mesma forma (Tu casa es bonita / Tú eres bonita).

Os demonstrativos /este/, /ese/, /aquele/ com os femininos e plurais podem levar acento quando funcionam como pronomes. Contudo, não levam acento se determinam um nome (Ésos son tus regalos, no éstos / Las preguntas de aquel examen me parecieron muy interesantes). No entanto, para que não exista risco de ambiguidade, acentuam-se para que se distingam (Dijo que ésta mañana vendrá). As formas neutras dos demonstrativos /esto/, /eso/ e /aquello/ nunca levarão acento (Esto no me gusta nada).

Se as partículas tiverem sentido interrogativo ou exclamativo, as palavras /adónde/, /cómo/, /cuál/, /cuándo/, /cuánto/, /dónde/, /qué/, /quién/ são tónicas e por isso levam acento. Acontece quer sejam diretas ou indiretas (¿Qué quieres? / Le explicó cuáles eran esos inconvenientes que habían surgido).

No entanto, ainda existem outros casos de acentuação. Por exemplo, a palavra “solo” pode aparecer como adjetivo ou como advérbio (A Tomás le gusta estar solo / Sólo tomaremos fruta). A palavra “aun” leva acento quando se usa com significado de “todavía” (Aún es joven). No entanto, com valor de /hasta/, /también/, /incluso/, escrever-se-á sem acento (Aun los sordos habrán de oírme / Todos los socios, aun los más conservadores, votaron a favor / Ni aun él lo sabía).

A Acentuação das palavras compostas segue a mesma regra da acentuação das palavras simples (Busca + piés = buscapiés / Así + mismo = Asimismo / Décimo + séptimo = decimoséptimo).

A Acentuação dos advérbios terminados em /-mente/ são uma exceção à regra geral da acentuação das palavras compostas, já que têm acentos fónicos; um no adjetivo e outro no elemento /-mente/. Por isso, o advérbio leva acento no lugar que levava o adjetivo (cortésmente, buenamente).

Nos compostos de dois ou mais adjetivos unidos com um hífen, cada elemento conservará a acentuação fonética e ortográfica que lhe corresponde (Hispano-belga, Franco-alemán).

A acentuação das formas verbais com pronomes enclíticos pode levar acento ou não de acordo com a regra geral da acentuação. O mesmo é também válido para as expressões latinas, de que são exemplos as palavras: *tránseat*, *accésit*, *memorádum*, *execuátur*.

Contudo, as palavras de outras línguas, por falta de adaptação ao espanhol, escrevem-se em itálico ou entre aspas, assim como não se acentuarão os nomes próprios originais de tais línguas, cujo acento não exista nesse mesmo idioma, como é o caso de *catering*, e *Windsor*. Já as palavras que foram adaptadas ao espanhol, acentuar-se-ão seguindo as regras estabelecidas, a saber: *París*, *Támesis*.

Quanto à acentuação das letras maiúsculas, as mesmas acentuar-se-ão se lhes corresponder, aplicando as regras estabelecidas (África, Órgira, PERÚ, BOGOTÁ).

A grafia das abreviaturas tendem a escrever-se com maiúscula ou minúscula inicial de acordo com a escrita das palavras que representam (S.M. por Su Majestad / pág. por página). No entanto, existem algumas exceções como é o exemplo das abreviaturas dos tratamentos, que se escrevem sempre com maiúscula (V. ou Vd. por usted).

Existem ainda frequentes usos duplos, nos que é possível o emprego indistinto de minúscula ou maiúscula (c. ou C. para calle / p.o. ou P.O. por orden).

Regra geral, escreve-se um ponto depois das abreviaturas (art. por artículo / etc. por etcétera / ms. por manuscrito). No entanto, existem também abundantes exceções a esta regra. Assim, os símbolos dos elementos químicos e das unidades de medida escrevem-se sem ponto. O mesmo acontece com os pontos cardeais (He (por helio) / N (por Norte)).

O uso da abreviatura não exclui colocar acento, sempre que na forma reduzida apareça a letra que a leva na palavra representada (admón. por administración, cód. por código, pág. por página). Existem, no entanto, algumas exceções, geralmente devido à vigência internacional das abreviaturas (a por área, ha por hectarea).

Regra geral, as abreviaturas formadas por letras veladas levam ponto antes das ditas letras (D.^a por doña, desct.^o por descuento).

Em abreviaturas formadas por várias palavras, estas podem separar-se por uma barra oblíqua (c/ c por cuenta corriente, d/ f por días fecha, d/ v por días vista). É frequente utilizar a barra oblíqua depois de uma abreviatura para substituir o ponto (v/ por visto, ch/ por cheque). O feminino das abreviaturas pode formar-se acrescentando uma /a/ velada ou não (Sr.^a ou Sra por Señora, Dr.^a ou Dra por Doctora).

O plural das abreviaturas formadas por uma só letra pode expressar-se duplicando a letra (ss. por siguientes, pp. por páginas, FF. CC. por ferrocarriles). No entanto, as abreviaturas constituídas por mais de uma letra formam o plural acrescentando /-s/ ou /-es/ (vols. por volúmenes, mss. por manuscritos, Dres. por Doctores). O plural das abreviaturas com letras veladas deve representar-se nesse tipo de letras (N.^{os} por números, Af.^{mos} por afectísimos).

Os símbolos dos elementos químicos e das unidades de medida são invariáveis (2C dos carbonos, 25m veinticinco metros).

As letras que formam siglas escrevem-se com maiúscula e, regra geral, sem pontos (ONU, ISBN), sobretudo quando essas siglas passaram a formar palavras, isto é, quando constituem acrónimos (UNICEF, UVI). Contudo, a generalização dos acrónimos pode inclusivamente permitir escrevê-los com minúscula, total ou parcialmente (uvi, talgo,

Mercosur). O plural das siglas constrói-se fazendo variar as palavras que as acompanham (las ONG, dos TAC).

3 Mudanças na *Nueva ortografía* de 2010

a) A primeira mudança surge no número de letras que compõem o alfabeto, que, ao contrário do português_ em que se verifica um aumento_ no espanhol desaparecem duas letras, a saber /ch/ e /ll/, o que faz com que este fique constituído apenas por vinte e sete letras. Assim, /ch/ e /ll/ passam a considerar-se dígrafos, ao contrário do que acontecia no século XIX, já que nesta altura faziam parte do alfabeto, porque representavam um só fonema.

b) A segunda grande alteração tem que ver com a acentuação.

Elimina-se o acento em palavras com ditongos ou tritongos ortográficos, independentemente da sua pronúncia, já que se consideram monossílabos.

	crie	cria	criais	crieis	crias	cria
	fie	fio	fiais	fieis	fias	fia
	guie	guio	guiais	guieis	guias	guia
	lie	lio	liais	lieis	lias	lia
Formas verbais	pie	pio	piais	pieis	pias	pia
	flui			Fluis		
	frio			Friais		
	frui			Fruis		
	hui			Huis		

	Guion
	Ion
	Muon
Substantivos	Pion
	Prion
	Ruan
	Truhan

Elimina-se o acento diacrítico no advérbio “solo” e nos pronomes demonstrativos, inclusive nos casos de possível ambiguidade.

Suprime-se o acento diacrítico na conjunção disjuntiva /o/ escrita entre números.

c) A terceira alteração tem que ver com a prefixação. Logo, a grafia é unida à base nas seguintes palavras:

antiadherente	antirrobo	antitabaco	cuasiautomático
cuasidelito	exalcohólico	exjefe	exministro
exnovio	expresidente	posmoderno	posventa
precontrato	prepago	proamnistía	probritánico
provida	superaburrido	superbién	supermodelo
vicealcalde		vicesecretario	

Escreve-se com hífen quando a palavra base começa com maiúscula (anti-ALCÁ, mini-USB, pos-Gorbachov, pro-Obama) e também quando a palavra base é um número (sub-21, Super-8).

A grafia é separada da base quando é constituída por várias palavras (ex relaciones públicas, super en forma, pro derechos humanos, anti pena de muerte, vice primer ministro, pré Segunda Guerra Mundial).

d) A última grande alteração tem que ver com o plural das Siglas, estas são invariáveis em espanhol, pelo que não manifestam o plural (Varias ONG europeas, Unos DVD, Los PC).

4 Exposição e análise dos questionários dos alunos e professores

O caso que será estudado neste trabalho tem como objetivo averiguar como é que a comunidade educativa, alunos e professores de uma escola da comunidade autónoma de Castilha e Leão, estão a reagir em relação às alterações introduzidas pela *Nueva Ortografía del Castellano*. Para isso foram elaborados questionários dirigidos a cinquenta alunos e quarenta docentes aproximadamente, dois por cada área disciplinar, o que nos parece uma amostra suficientemente significativa. Seguem-se ambos os questionários que serviram de estudo para este caso.

4.1 Questionários dos professores e dos alunos, respetivamente.

Parte I

1. ¿Conoce las nuevas alteraciones introducidas por la Nueva Ortografía?

- Todas
- Gran parte
- Una pequeña parte

Ninguna

2. Señale, con una equis, las situaciones en las que siente más dificultades en la aplicación de la Nueva Ortografía.

Alfabeto

Acentuación gráfica

Plural de las siglas

Prefijos

3. ¿Su libro de texto está en conformidad con la Nueva Ortografía?

Sí

No

4. ¿En qué situaciones usa la Nueva Ortografía?

Registros de clase

Instrumentos de evaluación

Informaciones para los responsables

Documentación

5. ¿En qué situaciones están sus alumnos usando la Nueva Ortografía?

Registros de clase

Instrumentos de evaluación

Deberes o tareas

6. ¿A qué suele recorrer cuando tiene dudas?

Diccionario de la RAE

Diccionario panhispánico de dudas

Otro ¿Cuál? _____

Parte I - Datos Generales

1. Me gustaría saber algunas informaciones sobre ti.

b. Edad: _____ años b) Sexo: masculino femenino c) Curso: _____

Parte II

❖ ¿Ya conoces las alteraciones introducidas por la Nueva Ortografía?

1. Marca (con una X) Verdadero o Falso las siguientes afirmaciones.

V F

- | | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. El alfabeto español está formado por 27 (veintisiete letras) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. La “ch” y la “ll” siguen formando parte del alfabeto español. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Desaparece el acento o la tilde gráfica de los diptongos y triptongos, independientemente de su pronunciación. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Se mantiene el acento diacrítico en el adverbio “solo” y en los pronombres demostrativos, incluso en los casos de posible ambigüedad. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Se suprime el acento diacrítico en la conjunción disyuntiva “o” escrita entre números. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Se escriben con guion las palabras cuya base empieza por mayúscula. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. No se escribe con guion cuando la palabra base es un número. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. La grafía va separada de la base cuando es constituida por varias palabras. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. Las siglas son invariables, por lo que no forman plural. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Parte III

4. ¿Cuáles de tus libros de texto ya están en conformidad con la Nueva Ortografía? Marca con una equis (X).

Educación para la Ciudadanía	<input type="checkbox"/>	Matemáticas	<input type="checkbox"/>	Lengua Castellana y Literatura	<input type="checkbox"/>
Educación Plástica y visual	<input type="checkbox"/>	Física y Química	<input type="checkbox"/>	Sociedad, Cultura y Religión	<input type="checkbox"/>
Tutoría / Formación	<input type="checkbox"/>	Musica	<input type="checkbox"/>	<u>1ª optativa</u> : Francés/	<input type="checkbox"/>
Ciencias Sociales Geografía e	<input type="checkbox"/>	Biología y Geología	<input type="checkbox"/>	Conocimiento de Matemáticas/	<input type="checkbox"/>
Historia	<input type="checkbox"/>	Tecnología	<input type="checkbox"/>	Conocimiento de Lengua/	<input type="checkbox"/>
Lengua Castellana y Literatu	<input type="checkbox"/>	Educación Física	<input type="checkbox"/>	Religión o	<input type="checkbox"/>
Lengua extranjera (Inglés)	<input type="checkbox"/>	Ciencias de la Naturaleza	<input type="checkbox"/>	Ética	<input type="checkbox"/>

5. ¿En qué situaciones estás usando la Nueva Ortografía? Marca con una equis (X).

Pruebas de evaluación	<input type="checkbox"/>	Apuntes en clase	<input type="checkbox"/>
Fichas de trabajo	<input type="checkbox"/>	Deberes o tareas	<input type="checkbox"/>

6. ¿En qué asignaturas ya estás usando la Nueva Ortografía? Marca con una equis (X).

Educación para la Ciudadanía	<input type="checkbox"/>	Matemáticas	<input type="checkbox"/>	Lengua Castellana y Literatura	<input type="checkbox"/>
Educación Plástica y visual	<input type="checkbox"/>	Física y Química	<input type="checkbox"/>	Sociedad, Cultura y Religión	<input type="checkbox"/>
Tutoría / Formación	<input type="checkbox"/>	Musica	<input type="checkbox"/>	<u>1ª optativa</u> : Francés/	<input type="checkbox"/>
Ciencias Sociales Geografía e	<input type="checkbox"/>	Biología y Geología	<input type="checkbox"/>	Conocimiento de Matemáticas/	<input type="checkbox"/>
Historia	<input type="checkbox"/>	Tecnología	<input type="checkbox"/>	Conocimiento de Lengua/	<input type="checkbox"/>
Lengua Castellana y Literatura	<input type="checkbox"/>	Educación Física	<input type="checkbox"/>	Religión o	<input type="checkbox"/>
Lengua extranjera (Inglés)	<input type="checkbox"/>	Ciencias de la Naturaleza	<input type="checkbox"/>	Ética	<input type="checkbox"/>

Parte IV

4. Señala las opciones correctas de acuerdo con la norma relativa a la colocación de las tildes.

i) fie
 fié
 Las dos opciones anteriores están correctas

k) Sion
 Sión
 Las dos opciones anteriores están correctas

j) guión
 guion
 Las dos opciones anteriores están correctas

l) sólo
 solo
 Las dos opciones anteriores están correctas

5. Señala con una equis (X) las palabras que van escritas correctamente y que siguen la norma de la prefijación.

antiadherente
 pré- contrato
 antitabaco
 sub-21

super 8
 mini-USB
 pro Obama
 Pos-Gorbachov

ex relaciones públicas
 vice-primer-ministro
 Todas están correctas
 Todas están incorrectas

6. Señala las palabras que están escritas correctamente de acuerdo con la regla relativa al plural de las siglas.

varias ONG Europeas
 unos DVD
 los PC 's

Todas las opciones están correctas
 Todas las opciones están incorrectas

7. Señala con una equis (X) las palabras que van escritas correctamente.

cuásar
 quásar
 quórum
 cuórum

Catar
 Qatar
 Todas las opciones están correctas
 Todas las opciones están incorrectas

4.2 Análise dos questionários

Os questionários acima apresentados serviram-nos para concluir até que ponto os alunos de nacionalidade espanhola interiorizaram ou não as mudanças introduzidas pela nova ortografia de 2010.

Foram alvo deste estudo trinta e nove alunos em vez de cinquenta, já que os outros onze elementos não nos fizeram chegar os restantes questionários. Para que pudesse haver comparação com os alunos de nacionalidade portuguesa, também estes questionários foram resolvidos por alunos com faixas etárias entre os doze e os treze anos de idade.

Em primeiro lugar e, ao contrário do que aconteceu com o português, dezanove alunos partilham da opinião de que o alfabeto continua a ser constituído por vinte e nove letras e que, por conseguinte, /ch/ e /ll/ continuam a fazer parte do abecedário espanhol.

Não sabemos se por resistência às mudanças mas, a verdade é que a maioria dos alunos demonstra não ter conhecimento do desaparecimento do acento nos ditongos e tritongos, independentemente da sua pronúncia. Mas, no que respeita ao desaparecimento do acento no advérbio “solo” e nos pronomes demonstrativos, inclusive nos casos de possível ambiguidade, a maioria dos alunos respondeu verdadeiro a esta questão. Também a grande maioria dos alunos tem presente a supressão do acento gráfico na conjunção disjuntiva “o”, escrita entre números.

Já no que concerne à hifenização e, embora a regra do castelhano seja mais simples do que a do português, a verdade é que vinte e quatro alunos consideram que, quer a base seja constituída por letra maiúscula, quer seja constituída por um número, não levam hífen. Para mais de metade dos alunos, a grafia vai junta à base quando é constituída por várias palavras.

No entanto, parece não existirem dúvidas quanto ao plural das siglas, já que vinte e oito alunos concordam que estas são invariáveis, pelo que não têm plural.

A maioria dos alunos afirma que todos os manuais se encontram escritos de acordo com as novas grafias, à exceção das disciplinas de “Educación Física”, e “Religión o Ética”, embora nos apontamentos das aulas nem sempre as usem.

Quanto às situações em que os alunos mais estão a usar a nova ortografia estão, de entre os quatro exemplos apresentados, as provas de avaliação e as fichas de trabalho.

Tal como já tínhamos referido anteriormente, a maior parte dos alunos de nacionalidade espanhola continua a escrever com acento palavras como “fie”, “guion” e “Sion”. No entanto, parecem ter interiorizado bem a nova regra da acentuação do advérbio “solo”, já que referem que o mesmo não leva acento gráfico.

No que concerne ao uso do hífen em palavras compostas e, depois de analisadas todas as respostas, parece-nos não haver grandes dificuldades. Ora vejamos, os alunos assinalaram como corretamente escritas as seguintes palavras: “sub-21”, “antiadherente”, “antitabaco”, “Pos-Gorbachov”, “mini-USB” e “ex relaciones públicas”. Ainda assim há quem assinale todas

as outras opções, embora seja uma minoria. É de salientar que apenas oito alunos consideram todas as opções corretas e outros três, que consideram todas as opções erradas. No primeiro exercício, a maioria dos alunos demonstravam não revelar quaisquer dúvidas no que respeita ao plural das siglas. No entanto, dezasseis alunos assinalaram que a palavra “PC’s” está escrita corretamente. Aqui podemos verificar que os alunos não são coerentes nas suas respostas.

Por último, e no que respeita à substituição da letra /q/ pela letra /c/ em algumas palavras, é importante referir que, quanto às palavras “cuásar” e “Catar” parecem existir poucas dúvidas, já que a maioria dos alunos que responderam a este questionário assimilaram esta substituição. Menos interiorizada está, no entanto, a palavra “cuórum”, uma vez que dezanove alunos consideram-na incorretamente escrita.

Quanto aos professores, é de salientar que a situação se encontra um pouco melhor, já que a maior parte revela ter conhecimento das novas alterações introduzidas pela *Nueva Ortografía*. Ainda assim, dez elementos assinalam ter mais dificuldades na acentuação gráfica e na prefixação. Fazendo o cruzamento dos dados, podemos verificar que não são coerentes nos resultados, uma vez que cinco dos professores questionados refere não ter o seu manual de acordo com as novas regras ortográficas. Referem usar a *Nueva Ortografía* maioritariamente na documentação da escola e nos registos de sala de aula, recorrendo ao *Diccionario de la RAE* ou ao *Diccionario Panhispánico de dudas* no caso de sentirem alguma dificuldade.

5 A “Nueva Ortografía” nos manuais, gramáticas e programa de espanhol

Analisando agora o manual de espanhol adotado para o 7º ano, nível de iniciação, na Escola Básica Grão Vasco e denominado *Mañana*, podemos começar por dizer que o mesmo não se encontra de acordo com as novas regras ortográficas. Ora vejamos, na página número nove do mesmo, podemos deparar-nos com um exercício que ordena a audição das letras duplas “ch” e “ll”, quando a nova ortografia as retirou do alfabeto.

No entanto, na página trinta e um, os “adjetivos demonstrativos esta/ esa” aparecem sem acento gráfico, quando a anterior ortografia ordenava escrever com acento, já que neste caso em particular desempenham função de “pronombre demostrativo”

Ainda na página setenta, na área denominada “¿sabes?”, o autor do livro explica, num quadro, quando é que a conjunção disjuntiva /o/ passa a /u/, mas não faz referência à perda do acento, quando vai escrita entre números matemáticos nem coloca quaisquer exercícios.

Parece-nos importante referir que o manual foi adotado há sensivelmente seis anos, pelo que ainda não tinha entrado em vigor a nova ortografia. De qualquer forma e, como este ano foi obrigatório a adoção de um manual de Espanhol, nível de iniciação, foi-nos possível constatar que todos os novos livros estão escritos de acordo com as novas regras ortográficas.

É de salientar que a biblioteca escolar não oferece quaisquer gramáticas aos seus alunos. Podemos apenas consultar alguns manuais de diferentes editoras, dicionários de Português - Espanhol e vice-versa e algumas obras infantis escritas em castelhano, embora todos eles estejam escritos de acordo com a anterior ortografia. E é complicado encontrar este tipo de materiais atualizados já que o ensino do Espanhol como Língua Estrangeira é bastante recente. Acresce o facto de ter sido o ano em que as editoras mais apostaram na produção de materiais para a língua espanhola. Ainda assim, as bibliotecas servem-se de materiais oferecidos, quer pelas editoras, quer por toda a comunidade escolar, que não queira ou não precise mais e queira, deste modo doar.

Leva-nos a pensar que a “Nueva Ortografía” é tão recente, que ainda não houve oportunidade de substituir os poucos recursos de que a biblioteca ainda tem. Até porque, como já tínhamos referido, apenas este ano as editoras começaram a apostar nos materiais e recursos para o professor ensino do espanhol como língua estrangeira.

Como já era de esperar, também o Programa de Espanhol não está de acordo com a “Nueva Ortografía del Castellano”.

6 Propostas pedagógicas para melhor fixar o Novo Acordo Ortográfico e “La Nueva Ortografía”

De acordo com o formador Nuno Carvalho⁴, que dinamizou uma ação de formação no âmbito do Novo Acordo Ortográfico, existem diversos exercícios de extrema importância pedagógica, que facilitam a aprendizagem e a aquisição de conhecimentos das novas regras ortográficas. É de salientar que apenas apresentaremos exemplos de exercícios sobre a nova regra da hifenização, uma vez que consideramos ser a situação que suscita mais dúvidas. Um exercício dos que a seguir apresentamos no final de cada aula e com recompensa para quem consiga resolver, parece-nos muito útil para uma mais fácil interiorização da regra.

Desta forma, apesar da extensa exposição de exercícios, consideramos estes os mais pertinentes, daí a sua seleção e transcrição:

⁴ Formador da editora Santillana (ILTEC)

Exercícios

1 – Qual é a alínea em que todos os termos compostos estão corretamente grafados?

- a) ultraconfiança — hetero-avaliação — reestruturar — subestimar — super-homem;
- b) hiperativo — rerratificar — subsecretário — semi-hipnotizado — porta-chaves;
- c) interregional — macroeconomia — pontapé — ressintetizar — sub-horizontal;
- d) superagasalhar — arquimilionário — interestadual — passa-tempo — sub-rogar;
- e) pseudootimista — panmuçulmano — mini-herói — neo-hebraico — sem-abrigo.

Exercícios

2 | Qual é a alínea em que todas as palavras deveriam ser acentuadas?

- a) veem — pelo — desdeem — polo — averique;
- b) cauloide — tabloide — heroico — Troia — urbanoide;
- c) chapeu — coroneis — heroi — ilheu — lençois;**
- d) alcaloide — reumatoide — tabloide — tifoide — tipoia;
- e) apneia — farmacopeia — odisseia — panaceaia — traqueia.

Exercícios

3 | Identifique a alínea em que todas as palavras estão grafadas conforme o novo acordo. Corrija as palavras grafadas incorretamente.

- a) miniquadro — minissubmarino — minirretrospectiva — minissaia;
- b) sub-bibliotecário — sub-humano — sub-hepático — sub-região;
- c) infra-assinado — infra-estrutura — infra-hepático — infravermelho;
- d) hiperácido — hiperespaço — hiper-humano — hiperrealista;
- e) contra-acusação — contra-indicação — contraespionagem — contra-harmónico.

7 Conclusão

Depois de várias tentativas de unificação da Língua Portuguesa entre Portugal e Brasil, eis que em Portugal entra em vigor o Novo Acordo Ortográfico em maio de 2009. Este foi um tema bastante polémico, já que a sociedade atual está pouco voltada para a mudança. Ainda nos lembramos de ter estudado numa das disciplinas relacionadas com a área a linguística que, qualquer língua falada no mundo não é estática, esta tem de sofrer alterações e nós, como cidadãos, temos de nos acostumar às mudanças e evoluir com ela. De qualquer forma, não é do dia para a noite que uma língua muda, qualquer alteração leva um bom par de anos até sofrer alguma alteração. Parece-nos importante que assim o seja ou então, poderíamos perfeitamente questionar-nos sobre o porquê da existência das instituições de ensino. É de salientar que uma língua muda no sentido de simplificar e de tornar a escrita, neste caso em particular, mais próxima da oralidade. Há que ter em consideração que o Novo Acordo Ortográfico apenas altera a grafia das palavras, não mudando o significado nem a sua pronúncia.

Uma coisa é não concordar com algumas alterações, outra completamente diferente é discordar de todas as mudanças introduzidas pelo Novo Acordo Ortográfico, oferecendo uma certa resistência à mudança.

Parece-nos relevante deixar aqui a nossa opinião sobre a falta de coerência que existe na nova regra da hifenização, no caso concreto da palavra “cor-de-rosa”, que mantém o hífen, perdendo-o, no entanto, na palavra “cor de laranja”. Dizem os estudiosos que tem a ver com o facto de estar bastante enraizada na sociedade. Talvez tenham realizado algum estudo, provavelmente através de inquérito ou algo do género, para chegarem a tal conclusão.

Pior do que isto só mesmo os casos de dupla grafia, isto é, palavras que se podem escrever das duas formas, indistintamente, conforme a pronúncia. Não consideramos consensual porque um indivíduo pode pronunciar de uma forma e escrever de outra maneira, sem que isso se possa considerar erro.

A língua portuguesa, neste momento, não só está mais parecida ao Português do Brasil, como também ao Espanhol. Por exemplo, sempre escrevemos os meses e as estações do ano com letra minúscula. O que nos parece é que, no caso do Português, existem demasiadas exceções à regra para os alunos fixarem, e aqui referimo-nos no caso concreto da hifenização e da acentuação de algumas formas verbais. De qualquer forma, se pensarmos bem, os resultados à disciplina de Língua Portuguesa nunca foram brilhantes, tais como os de Matemática e se neste momento o são, devem-se única e exclusivamente à estatística.

Não nos podemos esquecer que foi o Brasil que propôs a Portugal algumas das atuais regras ortográficas e que o contrário nunca se verificou.

No país vizinho vive-se exatamente o mesmo clima, isto é, a maioria da comunidade não aceita as novas regras ortográficas, embora estas não sejam tantas como no Português. Na

nossa opinião, a “Nueva Ortografía de 2010”, que veio apenas fazer algumas alterações à de 2009, são bastante fáceis de fixar e claro, têm por objetivo simplificar o mais possível a língua.

Depois de recolhidos e analisados os questionários dos alunos e professores de portugueses, podemos verificar que mais do que cinquenta por cento da amostra fixou todas as novas regras ortográficas introduzidas pelo Novo Acordo Ortográfico, à exceção de alguns casos de hifenização e acentuação e acentuação de certas formas verbais. No entanto, consideramos que com o tempo, todos nós em geral e os alunos em particular, interiorizaremos todas as novas regras, até porque o período de adaptação vai até 2015. Não nos esqueçamos que os alunos, pela sua idade e tempo de escola, têm muito menos memória visual do que os adultos. De qualquer forma, também nós, adultos, conseguiremos superar as eventuais dificuldades que possam surgir. Pode ser um absurdo o exemplo que nos surgiu mas corresponde à realidade e que é o facto do escudo, antiga moeda portuguesa ter sido abolida e substituída pelo euro. Também a gramática sofreu alterações com a Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário (TLEBS).

Parte II - Prática Letiva

1 Introdução

Este relatório, elaborado no âmbito do meu estágio pedagógico, tem como objetivo elaborar um comentário à minha atividade desenvolvida até ao presente momento, como professora estagiária de Língua Portuguesa e de Espanhol na Escola Básica 2,3 Grão Vasco em Viseu.

É considerado um momento de grande reflexão onde procurei, dentro das minhas limitações, incidir de forma sintética, objetiva e crítica, todo o meu desempenho, que desde o início do ano letivo, setembro de 2012, tenho vindo a desenvolver, quer no âmbito das atividades letivas, quer no âmbito das extraletivas.

Assim, o relatório apresenta uma pequena reflexão sobre a escola em que decorreu a minha prática letiva. De seguida apresento uma breve caracterização das turmas que me foram atribuídas, no caso, a turma D do 9º Ano a Língua Portuguesa e a turma G do 7º Ano a Espanhol, ambas direções de turma das orientadoras. Posteriormente farei uma breve reflexão sobre o núcleo de estágio em que estou inserida e é aqui que importa referir que a Língua Portuguesa não estive inserida em nenhum núcleo, pelo que cabe dizer que trabalhei sozinha, o que limitou a heterocrítica por parte da colega. Farei igualmente uma pequena reflexão sobre as orientadoras de estágio e sobre as reuniões semanais realizadas ao longo do ano letivo. E é depois disto que passo para um comentário mais alargado de toda a minha prática pedagógica, focando aquelas que são as tarefas de maior importância para um professor: planificar, executar e avaliar. Seguidamente apresentarei as atividades extracurriculares em que participei e não menos importante, as Ações de Formação a que assisti.

Capítulo I - Contextualização do estágio

2 A Escola Básica Grão Vasco de Viseu

A escola que me deu a oportunidade de exercer as minhas funções de docente estagiária situa-se em Viseu, integra o Agrupamento de Escolas Grão Vasco e denomina-se Escola Básica 2,3 Grão Vasco.

Desta escola vou levar muito boas recordações, já que sempre fui muito bem recebida, embora seja uma escola com um alargado número de pessoal docente. Sempre me olharam como uma colega e não como uma estagiária, claro que há sempre pessoas com quem convivemos mais e são essas mesmas pessoas que me vão deixar mais saudades. Tive sorte em encontrar docentes amáveis e prestativos.

Esta escola insere-se numa comunidade caracterizada pela heterogeneidade cultural, social e económica, já que acolhe não só alunos oriundos da cidade como das aldeias circundantes. A mesma é constituída da por cerca de mil estudantes e aproximadamente cento e setenta professores.

Em termos de infra-estruturas parece-me bastante bem e, apesar de a escola ser bastante antiga, usufruí não só de um amplo espaço exterior, para que os alunos possam libertar um pouco as suas energias nos recreios ou tempos livres, embora o piso esteja muito deteriorado, assim como bastante espaço interior para que possam abrigar-se nos dias menos bons. Quanto às salas, nem todas são muito propícias para as aulas, não só pelo pequenas que chegam a ser como também pela degradação das janelas, que faz com que não se possam visualizar muito bem as projeções, principalmente nos dias com mais claridade.

Todos os professores me trataram sempre bem e, embora não tenha tido uma relação tão próxima de alguns elementos, a verdade é que, sempre que necessitava de ajuda, mostraram-se muito recetivos. As funcionárias dos blocos onde lecionei eram simpáticas, acessíveis e muito prestáveis. Não houve uma única vez que lhes tivesse requisitado algum tipo de material que não fosse satisfeito o pedido. É de auxiliares educativos assim que todas as escolas precisavam para que o seu desempenho fosse o melhor. Relativamente aos restantes funcionários não tenho opinião formada a seu respeito, porque quase não mantive contacto com eles. Todos os funcionários que estavam na portaria da escola também eram pessoas muito simpáticas, sempre me cumprimentaram com um sorriso que me punha muito bem-disposta.



Figura 2.1 - Imagem da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Grão Vasco

3 O estágio em Português

3.1 Caracterização da turma D do 9º Ano

Parece-me importante, antes de fazer uma reflexão sobre o decurso de todo o trabalho levado a cabo nesta turma, apresentar os intervenientes neste processo.

Esta turma pode ser considerada heterogénea, mostrando-se bastante motivados para umas aulas e, nem tanto para outras. Alguns alunos são muito inconstantes. Tal como acontece em todas as turmas, existem alunos com melhor aproveitamento do que outros, mas também não somos todos iguais nem temos os mesmos interesses. A turma é constituída por vinte alunos, sete raparigas e treze rapazes, com idades compreendidas entre os treze e os quinze anos. O aluno mais velho da turma é do sexo masculino e tem dezasseis anos, registam-se ainda três alunos com treze anos, dois com quinze anos e os restantes com catorze anos.

Dos vinte alunos da turma, apenas dois deles já sofreram retenções ao longo do seu percurso escolar, um deles no primeiro e no terceiro ciclos e o outro no mesmo ano em que se encontra neste momento, isto é, no terceiro ciclo. Os agregados familiares em que se inserem apresentam um número variável de elementos, entre os três e os seis, sendo constituídos, essencialmente, pelos pais e irmãos. Apenas um aluno vive com o pai, a madrasta e os irmãos e um outro, que vive com a mãe e a irmã. Fazem parte do agregado familiar a avó de quatro dos alunos da turma.

Quando analisado o nível de escolaridade dos pais, verificou-se que cinco pais concluíram o primeiro ciclo, sete concluíram o sexto ano de escolaridade, dez pais concluíram o terceiro ciclo, nove deles, o nono ano. Sete pais concluíram o ensino secundário, seis dos quais o décimo segundo ano e com ensino superior apresentam-se nove elementos. Apenas um aluno não sabe quais as habilitações literárias dos seus pais.

No que diz respeito às atividades profissionais dos pais, as profissões das mães estão, maioritariamente divididas entre empregadas de comércio, assistentes operacionais e professoras. Apenas três das mães se encontram desempregadas e duas são domésticas. As profissões dos pais estão divididas entre jardineiros, pedreiros e empregados de comércio, entre outras. Apenas um deles se encontra reformado e nenhum se encontra numa situação de desemprego.

É de salientar que três alunos têm problemas de asma e de alergias, um aluno tem dislexia, mas, o que me parece mais preocupante é o aluno número onze, José Almeida, que tem epilepsia.

Apenas cinco dos alunos da turma usufruem de subsídio escolar, sendo abrangidos, principalmente, dois pelo escalão A e três, pelo escalão B. Com estes dados, podemos concluir que o nível socio-económico dos agregados familiares, em termos gerais, é considerado médio. Quando interrogados quanto à profissão que desejariam ter no futuro, as

respostas são variadíssimas, salientando-se engenharia informática e medicina, entre outras. Note-se que quatro alunos ainda não têm qualquer opinião formada.

As disciplinas a que os alunos consideram ter mais dificuldades são Inglês, Matemática, Geografia, História e Língua Portuguesa. Quanto às suas disciplinas preferidas apontam Educação Física, Ciências Naturais, Matemática, Língua Portuguesa, Inglês e Educação Musical.

Quanto ao comportamento da turma, posso dizer que foi bastante satisfatório, talvez pelo facto de trabalhar diretamente com a Diretora da Turma, que é quem tem um contacto mais direto com os Encarregados de Educação. Digo isto porque nos Conselhos de Turma havia sempre muitas queixas da maioria dos professores relativas a alguns alunos da turma. No que concerne ao aproveitamento, posso referir que é uma turma um pouco heterogénea, na medida em que é constituída por alunos com bastantes capacidades e outros com menos. Alguns alunos participam bastante entendendo de imediato o que é para fazer, outros conseguem perceber, embora mais tarde.

4 O estágio em Espanhol

4.1 Caracterização da turma G do 7º Ano

A turma é constituída por vinte e três alunos, quinze raparigas e oito rapazes. A meio do segundo período, dois alunos, um do sexo feminino e outro do sexo masculino e por razões familiares, tiveram de ser transferidos de escola. As suas idades compreendem-se, essencialmente, entre os doze e os onze à exceção de quatro alunos com treze anos, de outros dois, com catorze e quinze anos. A maioria dos alunos é oriunda de lugares próximos da escola, levando em média, doze minutos de caminho, cada um deles. Um aluno da turma encontra-se ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008, alunos com Necessidades Educativas Especiais. No que à saúde diz respeito, um aluno da turma sobrevive apenas com um órgão, mais concretamente, um rim, dois alunos sofrem de hiperatividade, com crises de ansiedade e stress estão dois alunos e outros dois são disléxicos. Ainda há alunos que apresentam problemas relacionados com a visão e com as alergias.

Dos vinte e três alunos que compõem a turma, seis já sofreram retenções, dois dos quais no ano em que se encontram, isto é, no 7º Ano, três alunos repetiram o 6º Ano, um aluno repetiu o 5º Ano e os outros dois repetiram o 2º Ano. Alguns alunos apresentam mais do que uma retenção, embora em anos distintos.

As disciplinas preferidas da grande parte são, em ordem decrescente; Educação Física, seguindo-se Educação Visual e Tecnológica, História, Tecnologias de Informação, Inglês, Matemática, Ciências Físico-Químicas e Ciências Naturais. Contudo, é nas mesmas

disciplinas mencionadas anteriormente, que os alunos sentem mais dificuldades, inserindo-se, neste campo também as disciplinas de Área de Projeto e Educação Musical.

Quanto à profissão ambicionada, a maior parte dos alunos ainda não possui uma opinião formada, já que doze alunos ainda não sabem o que querem ser. No entanto, a profissão mais desejada pelos restantes alunos varia entre medicina veterinária, moda, pediatria, investigação, farmácia, advocacia, fotografia e engenharia informática.

Segundo o que foi dito por eles, a maior parte da turma revela não ter hábitos de estudo diário, é o caso de catorze alunos. Mas os restantes alunos revelam dedicar diariamente entre vinte a cento e oitenta minutos ao estudo, verdade ou não, impossível garantir mas a verdade é que alguns alunos revelam algumas dificuldades e refiro-me apenas à disciplina de Espanhol.

Dez alunos da turma dizem participar em atividades extracurriculares, a saber: natação, karaté, kempo, ginástica artística, hip-hop, futsal, entre outras.

Apenas um aluno da turma tem três irmãos, com dois irmãos encontram-se dois alunos, treze alunos têm um irmão e os restantes seis alunos revelam ser filhos únicos. Os pais têm idades compreendidas entre trinta e dois e sessenta anos e, no que a habilitações literárias diz respeito, à exceção de onze pais, os restantes têm, na sua maioria, entre o 6º Ano e uma Licenciatura, salientando-se o facto de todos se encontrarem no ativo, com exceção de quatro pais, que se encontram desempregados. Beneficiavam de apoio escolar oito alunos da turma, quatro, usufruíam de escalão A e os restantes, de escalão B. Os alunos referem que os Encarregados de Educação, na sua grande maioria, se interessam pelo estudo, ajudando os seus educandos nesta tarefa. Resumindo, todos os alunos estudam acompanhados, à exceção de quatro alunos. A grande maioria dos alunos revela estudar no quarto, à exceção de dois alunos que o fazem na sala de estar. Ainda assim, cinco elementos da turma revelam frequentar a escola porque é obrigatório e ainda sete alunos dizem não ser este o estabelecimento de ensino que mais lhes interessa, ou seja, preferiam estar noutra escola, talvez porque nove dos alunos da turma já tenham frequentado o ensino particular. Todos os elementos da turma possuem computador com acesso à internet, à exceção de dois alunos.

Todos revelam tomar o pequeno-almoço em casa, à exceção de duas alunas que dizem não ingerir esta comida.

Capítulo II - A atividade letiva

1 Português

1.1 Introdução

Foram agendadas reuniões semanais, nas quais se fazia a distribuição das sequências didáticas, a planificação das aulas, a seleção das estratégias, atividades e conteúdos programáticos e a elaboração de materiais. Faziam-se igualmente a reflexão das aulas observadas incidindo na auto-crítica_ onde eu identificava o que tinha corrido melhor e o que pensava ter corrido pior_ e uma heterocrítica_ em que a orientadora dava sugestões de aperfeiçoamento.

Também se realizaram reflexões sobre a avaliação dos alunos efetuada nas aulas observadas, a saber: observação direta das atitudes e comportamentos, das intervenções orais e da realização dos trabalhos de casa.

Também se debateram questões relacionadas com dúvidas relativas à planificação e à execução dos conteúdos programáticos e, quando necessário, discutiu-se a elaboração de testes, respetivas matrizes e correções.

Fui acompanhando, ao longo de todo o ano letivo, todo o trabalho da Direção de Turma, na medida em que a Diretora de Turma me mantinha informada sobre o comportamento da turma, entre outros aspetos relevantes.

Contudo, também encontrei algumas condicionantes tais como, o facto de não ter uma turma da minha inteira responsabilidade, que faz com que os alunos sintam que podem desobedecer porque não vão ser avaliados pela professora estagiária, o facto de ser a única estagiária do núcleo, o que impossibilitou a heterocrítica, alguns problemas físicos e estruturais relacionados com o facto de estar numa escola antiga, o que impossibilitou, na maioria das vezes uma boa visualização dos materiais projetados, assim como do material informático, que nem sempre se encontrava a funcionar na perfeição. Ainda assim, nada me impediu de realizar com sucesso as minhas atividades, encontrando sempre alguma alternativa quando me deparava com algo do género.

1.2 Planificações

A planificação dos conteúdos a ensinar e a seleção dos processos de operacionalização são uma tarefa complexa e difícil. No entanto, seria inconcebível o processo de ensino-aprendizagem sem o considerarmos de forma consciente e organizada.

Foi segundo esta perspectiva que sempre considerei a importância de planificar bem, de forma cuidada e consciente, sendo que uma boa planificação é a base decisiva para o sucesso da prática educativa.

As minhas planificações iniciais apresentavam-se desarticuladas e com algumas incorreções. No entanto, a partir do segundo período e, partindo sempre das notificações e sugestões fornecidas pelos orientadores, comecei a ultrapassar quase todas as dificuldades iniciais, planificando já com autonomia, rigor, correção linguística e científico-pedagógica.

Tive igualmente uma grande preocupação em apresentar as planificações dentro do prazo estipulado, assim como o cuidado especial relativamente ao nível gráfico, linguístico e científico das mesmas. É possível, no entanto, ter apresentado uma ou outra vez alguma ideia menos clara. Contudo, não se podem considerar falhas, já que, na minha opinião, também serve para nos ajudar a crescer e a fazer melhor no futuro.

Tentei sempre corresponder com as expectativas dos orientadores, seguindo as suas indicações e sugestões, de forma a melhorar o meu desempenho profissional. Servem de exemplo as fundamentações didático-pedagógicas. Procurei que todas as minhas planificações fossem o mais possível originais e inovadoras, sem nunca copiar por quem quer que seja.

Penso ter progredido imenso no que à planificação concerne, revelando, neste momento, autonomia a planificar, utilizando estratégias originais, diversificadas e motivadoras, tendo sempre presente que o aluno é fulcral em todo o processo de ensino-aprendizagem.

As seguintes páginas são então dedicadas a algumas das planificações e respetivos materiais que nos serviram de apoio à lecionação das aulas observadas.

Escola Básica Grão Vasco de Viseu

Ano lectivo 2011/ 2012

PLANO DE AULA VI

Disciplina: Língua Portuguesa - 9.º D

Lição n.º 75

***Os Lusíadas* de Luís de Camões**

A Batalha de Aljubarrota



A PROFESSORA ESTAGIÁRIA:

Vera de Jesus


Conteúdos	Objetivos	Desenvolvimento da aula	Recursos	Avaliação
<p>Leitura (competência foco)</p> <p>- Leitura orientada do texto narrativo em verso</p> <p>Compreensão e Expressão oral</p> <p>. Intencionalidade comunicativa</p> <p>. Personagens</p> <p>. Recursos expressivos:</p> <p>- hipérbato</p> <p>- perífrase</p> <p>- adjetivação</p> <p>- hipérbole</p> <p>- Princípios reguladores da interação discursiva.</p> <p>Conhecimento explícito da língua</p> <p>- Advérbios</p>	<p>. Consolidar os conhecimentos</p> <p>. Apropriar-se de estratégias para a construção de sentidos.</p> <p>. Apreender a intencionalidade e comunicativa</p> <p>. Utilizar informação pertinente, mobilizando conhecimentos textuais.</p> <p>. Identificar recursos expressivos.</p> <p>. Explicitar o valor expressivo dos recursos presentes no texto.</p> <p>. Respeitar as convenções que regulam a interação verbal.</p> <p>. Interpretar oralmente o</p>	<p>. Visualização de um vídeo para recordar a Batalha de Aljubarrota e a crise de 1383-1385.</p> <p>http://www.youtube.com/watch?v=x8V7y3tvJVk</p> <p>. Realização de uma ficha de leitura. (anexo 1)</p> <p>. Leitura prévia e silenciosa das estrofes 28 a 31 do Canto IV da obra em estudo.</p> <p>. Leitura, em voz alta, das estrofes 28 a 31.</p> <p>. Diálogo interativo para interpretação</p>	<p>Manual “<i>Com Todas as Letras</i>”, Porto Editora (pág.200 e 201)</p> <p>Quadro</p> <p>Caderno diário</p> <p>Projektor de vídeo e computador - diapositivos em PowerPoint.</p>	<p>. Observação direta:</p> <p>.</p> <p>Pontualidade e assiduidade</p> <p>. Empenho</p> <p>. Interesse</p> <p>.</p> <p>Comportamento</p> <p>. Participação</p>

<p>Escrita</p> <p>- Organização da informação</p>	<p>excerto textual</p> <p>- Identificar o tempo verbal presente nos versos 2, 4, 6 e 8 da estância 31.</p> <p>- Substituir os mesmos pelo pretérito perfeito composto.</p> <p>. Utilizar técnicas de registo de informação e de organização do trabalho.</p> <p>. Consolidar/ sistematizar conhecimentos.</p>	<p>ão das estâncias através de uma ficha de trabalho. (anexo 2)</p> <p>- Reconhecimento do tempo verbal presente nos versos 2, 4, 6 e 8 da estância 31 e substituição dos mesmos pelo pretérito perfeito composto.</p> <p>- Distribuição de uma ficha informativa sobre os tempos compostos.</p> <p>- Elaboração coletiva do sumário e registo do mesmo no quadro e nos cadernos diários.</p>		
----------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Sumário: Visualização de um vídeo sobre a Batalha de Aljubarrota. Leitura e interpretação das estâncias 28 a 31 da Batalha de Aljubarrota: levantamento dos recursos estilísticos presentes nas estrofes (personificação, adjetivação, aliteração e hipérbole); os tempos verbais compostos do modo indicativo e conjuntivo.

BIBLIOGRAFIA

- ✚ COSTA, Fernanda e MAGALHÃES, Olga (*et alli*), *Com Todas as Letras*, Língua Portuguesa 9º ano; Porto Editora.
- ✚ MELO, Sofia e RIO, Manuela, *A Casa da Língua*, Língua Portuguesa 9º ano, Porto Editora.
- ✚ REIGOTA, Fernanda e SILVA, Margarida (*et alli*), *Preparação para o Exame Nacional*, Língua Portuguesa 2012, Porto Editora.
- ✚ SARDINHA, Leonor e OLIVEIRA, Luísa, *Gramática Formativa de Português*, Didáctica Editora.

 <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃOVASCO</p>	<p>Escola Básica Grão Vasco Língua Portuguesa - 9º ano 2011 / 2012 Ficha de informação</p>
<p>Aluno: _____ Nº ____ Turma _____</p>	

Verbos regulares: tempos compostos:


- | | |
|----------------------------------------|-----------------------------|
| ➤ Pretérito perfeito composto | ➤ Futuro composto |
| ➤ Pretérito mais-que-perfeito composto | ➤ Formas nominais compostas |

Os tempos compostos resultam da conjugação de um verbo auxiliar (**ter** e, raramente, **haver**) com o particípio passado do verbo principal. Exemplo: Durante as férias **tenho ido** muito à praia.

Estes tempos implicam que a ação já terminou (o que não impede que se volte a repetir) e que se processou repetidas vezes. Desta forma, nos tempos compostos só encontramos o **pretérito perfeito composto**, o **pretérito mais-que-perfeito composto**, o **futuro composto** e o **condicional composto**, tanto nas formas de indicativo como de conjuntivo. As formas nominais **infinitivo** e **gerúndio** também possuem formas compostas.

Tempos compostos		
Modo indicativo		
Pretérito perfeito composto	Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro composto
tenho estudado	tinha estudado	tereí estudado
tens estudado	tinhas estudado	terás estudado
tem estudado	tinha estudado	terá estudado
temos estudado	tínhamos estudado	teremos estudado
tendes estudado	tínheis estudado	tereis estudado
têm estudado	tinham estudado	terão estudado
Modo conjuntivo		
Pretérito perfeito composto	Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro composto
tenha estudado	tivesse estudado	tiver estudado
tenhas estudado	tivesses estudado	tiveres estudado
tenha estudado	tivesse estudado	tiver estudado
tenhamos estudado	tivéssemos estudado	tivermos estudado

tenhais estudado	tivésseis estudado	tiverdes estudado
tenham estudado	tivessem estudado	tiverem estudado
condicional	Infinitivo	Gerúndio
teria estudado	ter estudado	tendo estudado
terias estudado		
teria estudado		
teríamos estudado		
teríeis estudado		
teriam estudado		

 <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃOVASCO</p>	<p>Escola Básica Grão Vasco Língua Portuguesa - 9º ano 2011 / 2012 Ficha de trabalho</p> <p>Aluno: _____ Nº ____ Turma _____</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Responde às seguintes questões.

1. O início da batalha é assinalado pela “trombeta castelhana”.

1.1. Faz o levantamento dos adjetivos que caracterizam o som emitido.

1.2. Aponta os efeitos deste sinal:

1.2.1. na natureza

1.2.2. nas pessoas

2. A estrofe 29 dá-nos conta da atitude dos combatentes imediatamente antes da luta começar.

2.1. Que sentimento os dominava? E como é justificado?

3. Relê, com atenção, a terceira estância.

3.1. Dos sinónimos que te são apresentados para o adjetivo “incerta”, assinala o que te parece mais adequado ao contexto.

confusa ___ desconhecida ___ eventual ___ arriscada ___ imprevisível ___

3.2. Identifica “uns” e “outros” (verso 4)

3.3. Dos sinónimos apresentados para o adjetivo grande e substantivo valor que caracterizam Nuno Álvares Pereira, assinala os mais adequados à personagem.

grande		valor	
---------------	--	--------------	--

avantajado		heroísmo	
adulto		preço	
corajoso		audácia	
ilustre		importância	
magnífico		talento	

3.4. Indica, justificando, a presença de um recurso estilístico nos versos 7 e 8 “a terra, enfim, semeia / Dos que a tanto desejam”.

3.5. Qual é a importância da expressão “sendo alheia” no final da estância?

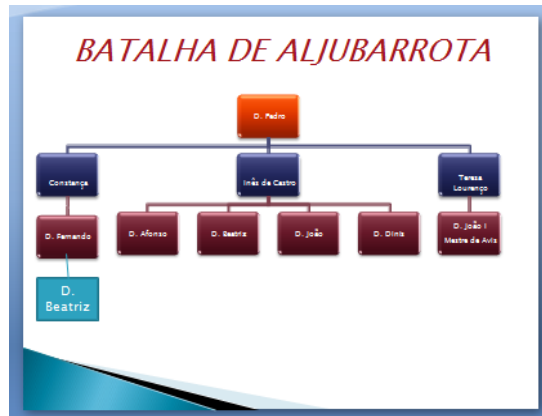
3.6. Justifica as duas situações em que se utilizam os dois pontos.

4. Na estância 31 faz-se uma descrição da batalha.

4.1. Mostra, através de um levantamento de palavras e expressões que para o poeta as sensações auditivas estiveram em destaque nesta batalha.

4.2. Identifica, agora, exemplificando, o recurso estilístico mais utilizado pelo poeta para transmitir ao leitor essas sensações.

4.3. Refere a função sintática de cada uma das palavras da expressão do último verso da estância: “que os apouca”.



• Nuno Álvares Pereira:

✓ D. Nuno Álvares Pereira também conhecido como o Santo Condestável, Beato Nuno de Santa Maria, hoje São Nuno de Santa Maria, ou simplesmente Nun' Álvares (foi um nobre e guerreiro português do século XIV que desempenhou um papel fundamental na crise de 1383-1385, onde Portugal jogou a sua independência contra Castela.

•D. Fernando I:

✓ Teve uma filha bastarda antes do seu casamento, D. Isabel, casada com D. Afonso.

✓ Último rei da primeira dinastia.

✓ O casamento com D. Leonor de Teles nasceram: D. Beatriz (1373 -), pretendente ao trono do pai, casada com o Rei D. João I de Castela, D. Pedro (1375 - 1380), morreu jovem, D. Afonso (1382), morreu quatro dias após o nascimento.

✓ Depois da sua morte, dá-se a crise pela sucessão ao trono.

□ **Batalha de Aljubarrota**

➤ 14 de Agosto de 1385 no campo de São Jorge, nas imediações da vila de Aljubarrota, entre as localidades de Leiria e Alcobça, no centro de Portugal.

➤ tropas portuguesas, comandadas por D. João I de Portugal e o seu condestável D. Nuno Álvares Pereira, e o exército castelhano e seus aliados liderados por D. Juan I de Castela.

➤ Resultado: derrota definitiva dos castelhanos, o fim da crise de 1383 - 1385 e a consolidação de D. João I como Rei de Portugal.

➤ A paz com Castela só viria a estabelecer-se em 1411.

➤ uma das raras grandes batalhas campais da Idade Média entre dois exércitos um dos acontecimentos mais decisivos da história de Portugal.

➤ No aspeto político, resolveu a disputa que dividia o Reino de Portugal do Reino de Castela e Leão, permitindo a afirmação de Portugal como Reino independente, abrindo caminho sob a Dinastia de Avis para uma das épocas mais marcantes da história de Portugal, a era dos Descobrimientos.

• D. Beatriz (filha de D. Fernando e de D. Leonor de Teles, casada com o Rei de Castela)

✓ No início de 1383, a infanta D. Beatriz era a única descendente do rei D. Fernando.

✓ Como herdeira do trono, o seu casamento aparentemente iria decidir quem havia de ser o sucessor de D. Fernando.

✓ De acordo com o tratado de casamento, a rainha mãe, Leonor Teles de Menezes, cerca de um mês após a morte de D. Fernando, manda aclamar em algumas cidades e vilas a filha como rainha de Portugal.

✓ Em Toledo, João I de Castela já se proclamara e fizera aclamar rei de Castela e de Leão e de Portugal, juntando as bandeiras de Castela e Leão e de Portugal numa só, e tentando nomear o fidalgo português Vasco Martins de Melo Alfons-mor de Castela e de Portugal. Vasco Martins não aceita e diz ao rei castelhano que este não pode juntar o que está separado, ou seja, os dois reinos, e que se o fizer poderá haver uma guerra, e que ele, Vasco Martins de Melo, deve obediência a Portugal.

✓ É esta atitude e provocação de João I de Castela que está verdadeiramente na origem da crise de 1383-1385.

BATALHA DE ALJUBARROTA

- **Estrutura externa:** Canto IV, Estâncias 28 - 45
- **Estrutura interna:** Narração
- **Narrador:** Vasco da Gama - narrador heterodiegético
- **Narratário:** Rei de Melinde
- **Classificação do episódio:** Bélico

•D João I:

✓ Mestre de Avis e depois Rei de Portugal, foi o bastardo mais notável da realeza portuguesa.

✓ Foi aclamado Rei na sequência da crise de 1383-1385, que ameaçava a independência de Portugal.

✓ Casou com D. Filipa de Lencastre.

BATALHA DE ALJUBARROTA

Divisão do episódio em partes

1. Início da batalha - 28 e 29
2. Narração da batalha - 30 a 41
3. Vitória - 42 a 45

Escola Básica Grão Vasco de Viseu

Ano lectivo 2011/ 2012

PLANO DE AULA VII

Disciplina: Língua Portuguesa - 9.º D

Lição n.º 124 e 125

Unidade: Texto Dramático

(*O Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente)

Cena: O Sapateiro



A PROFESSORA ESTAGIÁRIA:

Vera de Jesus

Conteúdos	Objetivos	Estratégias / actividades	Recursos	Avaliação
<p>▪ Leitura orientada:</p> <p>➤ Texto dramático:</p> <p>. Personagens;</p> <p>. Didascália;</p> <p>. Símbolos cénicos caracterizadores;</p> <p>. Percurso cénico da personagem;</p> <p>. Argumentos de defesa e de acusação;</p> <p>. Sentido denotativo e conotativo das palavras;</p> <p>. Recursos expressivos:</p> <p>- ironia</p> <p>- metáfora</p> <p>- eufemismo</p>	<p>. Descrever a imagem e identificar as personagens presentes;</p> <p>. Compreender globalmente a cena em estudo;</p> <p>. Apropriar-se de estratégias para a construção de sentidos;</p> <p>. Distinguir o sentido real do sentido figurativo das palavras;</p> <p>. Identificar símbolos cénicos;</p> <p>. Identificar expressões caracterizadoras das personagens;</p> <p>. Identificar recursos expressivos;</p>	<p>. Visualização de uma imagem e descrição da mesma;</p> <p>. Audição da cena em áudio acompanhada da leitura silenciosa;</p> <p>. Interpretação da cena em análise, através da resolução das questões 1 a 7 da página 133 do manual;</p> <p>. Exploração vocabular através da palavra “cárrega”;</p> <p>- Explicitação do sentido denotativo e conotativo - breve registo no quadro.</p>	<p>. Projetor de vídeo e computador</p> <p>. Manual “<i>Com Todas as Letras</i>”, Porto Editora (pág.131, 132, 133 e 122)</p> <p>. Quadro</p> <p>. Caderno diário</p> <p>. Imagem de motivação (anexo 1)</p> <p>. Ficha informativa (anexo 2)</p> <p>. PowerPoint (anexo 3)</p>	<p>. Observação direta:</p> <p>. Pontualidade e assiduidade</p> <p>. Empenho</p> <p>. Interesse</p> <p>. Comportamento</p> <p>. Participação</p>

	<p>. Utilizar técnicas de registo de informação e de organização do trabalho.</p>	<p>consolidação da cena analisada;</p> <p>. Elaboração coletiva do sumário e registo do mesmo no quadro e nos cadernos diários.</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

DESENVOLVIMENTO DA AULA E FUNDAMENTAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA:

1º Momento: A professora entra na sala, cumprimenta os alunos, verificando se todos estão presentes. Refere que vai continuar com o estudo do Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente.

2º Momento: Com o objetivo de motivar os alunos para a aula, a professora pergunta-lhes, em tom descontraído e informal, se estão a gostar de Gil Vicente e de qual personagem ou personagens que mais gostaram até então.

3º Momento: Para iniciar o estudo de uma nova personagem, a professora apresenta uma imagem (*anexo 1*) e pede aos alunos para descrevê-la. Os alunos devem dizer que, na imagem, estão presentes um diabo e um anjo e que, entre eles, está presente um homem com sapatos nas mãos. A professora pergunta se os alunos, através da visualização da imagem e tendo em conta os elementos lá presentes, sabem dizer que personagem é aquela que Gil Vicente vai tratar nesta próxima cena. Os alunos devem responder que a personagem seguinte é a do **Sapateiro**.

4º Momento: Em jeito de recapitulação, a professora relembra que Gil Vicente usa as suas personagens para representar classes sociais ou grupos profissionais. A professora pergunta aos alunos que nome se dá a estas personagens ao que os alunos devem responder **personagens tipo**.

5º Momento: Seguidamente, a professora pede aos alunos para abrirem o manual na página cento e trinta e um onde se encontra o excerto do Auto da Barca do Inferno correspondente à cena do Sapateiro. A professora opta por começar com uma leitura silenciosa para permitir que o

primeiro contacto entre o aluno e o texto seja mais pessoal. Terminada esta leitura, a professora colocará um CD em que os alunos ouvem o diálogo entre as personagens da cena em análise. Esta audição permitirá aos alunos colmatar eventuais falhas de compreensão que possam surgir durante a primeira leitura.

6º Momento: Concluída a leitura e audição da cena, a professora pergunta se a compreensão do texto é mais clara ao que os alunos devem responder que sim. A professora diz que a cena será lida, comentada e analisada verso a verso em conjunto com os alunos para que não restem dúvidas em relação ao texto. A professora pede para que anotem o que for dito ao lado do texto à medida que se avança na análise pois ao fazê-lo, o estudo será muito mais fácil e completo.

7º Momento: A professora começa por perguntar o que se passa nesta cena. Os alunos podem responder, entre muitas outras coisas, que se trata de um Sapateiro que chega à barca do Inferno e pergunta para onde aquela vai. Ao ouvir a resposta do Diabo, o Sapateiro recusa-se a embarcar defendendo-se das acusações do Diabo. Ao dirigir-se à barca da Glória, o Sapateiro pergunta ao Anjo se pode ali entrar ao que este responde negativamente. Perante as acusações do Anjo, o Sapateiro torna à barca do Inferno onde acaba por embarcar. Perante esta possível resposta, a professora pergunta se os alunos são capazes de traçar o percurso cénico da personagem, ao que os alunos deverão responder: “Sim. O Sapateiro primeiro dirige-se ao Diabo, depois dirige-se ao Anjo para voltar outra vez ao Diabo.”

8º Momento: A professora diz: “Tenham atenção à didascália inicial. Que informação nos dá essa didascália?” Os alunos deverão responder que dela constam os elementos cénicos, nomeadamente as formas dos sapatos e o avental.

9º Momento: A professora lê, em voz alta, as duas primeiras falas do Sapateiro e a primeira fala do Diabo e diz: “Portanto, o Sapateiro entra em cena com o seu avental e com as suas formas e dirige-se à barca do Inferno. O Diabo pergunta: “Quem vem i?” Acham que o Diabo não sabe mesmo quem é o Sapateiro?” Os alunos podem responder que não. A professora então pergunta: “Então se vocês foram capazes de identificar o Sapateiro através dos elementos cénicos, acham que o Diabo não é capaz?” Os alunos podem já responder que sim. Assim sendo, a professora explica que a pergunta “quem vem i?” pode ser irónica ou pode ser uma estratégia de apresentação da nova personagem ao público. E continua: “Santo sapateiro honrado!”. Aqui o Diabo já reconhece o Sapateiro ou não?” Os alunos devem responder que sim. A professora pergunta se, neste verso, o Diabo ainda continua com a ironia. Se os alunos não souberem responder, a professora deve perguntar: “Acham que o Sapateiro é mesmo santo e honrado?” Os alunos devem responder que não. A professora pergunta: “E acham que o Diabo sabe disso?” ao que alunos devem responder que sim. A professora pergunta: “Então o Diabo usa a ironia ou não?” Os alunos devem responder que sim na medida em que santo e honrado é tudo aquilo que o Sapateiro não é.

10º Momento: A professora diz: “O Diabo pergunta ao Sapateiro porque vem tão carregado. Ele vem carregado com quê?” os alunos, certamente, respondem que o Sapateiro vem carregado de formas. A professora diz: “Sim, está certo, mas é só com as formas que o Sapateiro vem carregado?” Se os alunos não souberem responder, a professora reformulará a pergunta: “Acham que *carregado* significa a carga de formas que traz ou pode ter mais algum sentido?” Se os alunos continuarem sem saber como responder, a professora deve esclarecer que os elementos cénicos, neste caso o avental e as formas de sapatos, para além de definirem a profissão do Sapateiro, também dizem muito acerca do seu carácter, nomeadamente que não foi honesto e que roubou os seus clientes durante muitos anos. Continua ao explicar que a sua vida desonesta e os seus pecados estão aqui representados pelos elementos cénicos. A professora pergunta: “Então, de que vem carregado o Sapateiro?” Os alunos já são capazes de responder que o Sapateiro vem carregado de pecados.

11º Momento: A professora continua: “O Sapateiro pergunta ao Diabo para onde vai a barca. O que é que o Diabo responde?” Os alunos devem responder que a barca vai para o lado dos danados. A professora pergunta se os alunos sabem o que é o lago dos danados ao que os alunos devem responder que é o Inferno. A professora pergunta: “Mas não é a palavra Inferno que é usada, pois não?” os alunos devem responder que não. A professora pergunta: “Então que figura de estilo é que temos aqui?” Se os alunos não souberem responder, a professora perguntará: “Que figura de estilo é usada quando se pretende evitar ferir sensibilidades usando palavras mais suaves?” Os alunos já serão capazes de dizer que a figura de estilo presente neste verso é um **eufemismo**.

12º Momento: A professora reforça positivamente a resposta dos alunos e continua: “O Sapateiro pergunta ao Diabo: “Os que morrem confessados, /onde têm a sua passagem?” O que quer dizer o Sapateiro com isto? Quer dizer que se confessou antes de morrer. Temos aqui, portanto, o primeiro argumento de defesa do Sapateiro. O que é que o Diabo responde?” Os alunos devem dizer que o Diabo responde ao dizer que aquela é que é a barca na qual o Sapateiro deve embarcar. A professora pergunta: “E o Sapateiro aceita isto?” Os alunos devem responder que não. “Que tipo de Linguagem é que ele usa para se recusar a entrar na barca do Inferno?” Se os alunos não souberem responder, a professora dirá que o Sapateiro usa o **calão**, que, neste caso, toma uma forma mais grosseira e obscena. Acham que o uso desta linguagem está de acordo com o nível social da personagem?” Se os alunos não souberem responder, a professora perguntará: “O Sapateiro é um artesão, certo?” Os alunos devem responder que sim. A professora pergunta: “Acham que os artesãos, sendo de classe mais baixa, usavam uma linguagem mais cuidada?” Espera-se que os alunos respondam que não. A professora continua: “Então, a linguagem do Sapateiro está ou não de acordo com o seu nível social?” os alunos já saberão responder que sim. “O uso deste tipo de linguagem faz-nos rir?” ao que os alunos devem responder que sim. A professora continua ao dizer que esta cena assenta num **cómico de linguagem** e pergunta aos

alunos se sabem o que isto quer dizer. Os alunos provavelmente responderão que é linguagem que faz rir. A professora diz, então, que Gil Vicente usava o cómico porque o seu teatro era de corte, ou seja, era representado em festas palacianas. Como Gil Vicente criticava, maioritariamente, as instituições para quem representava, utilizava o cómico para que as críticas às classes sociais fossem mais bem aceites, para que o público não levasse demasiado a mal.

13º Momento: Prosseguindo a leitura, a professora diz: “Como poderá isso ser, /confessado e comungado?” ou seja, o Sapateiro não entende porque terá de ir para o Inferno tendo sido uma pessoa tão religiosa que se confessava e comungava. Como é que o Sapateiro se sente ao ouvir do Diabo que vai para o Inferno?” Os alunos devem responder que a atitude do Sapateiro é de admiração. A professora pergunta qual a intenção do Sapateiro ao sublinhar que morreu confessado e comungado. Se os alunos não souberem responder, a professora dirá que ele está a defender-se, a argumentar contra as acusações do Diabo. O Sapateiro considera que o facto de se ter confessado e comungado é o suficiente para garantir a entrada no céu, o qual não se verifica.

14º Momento: A professora lê a fala seguinte do Diabo, em voz alta, e pergunta aos alunos o que o Diabo está a fazer. Os alunos devem responder que o Diabo está a acusar o Sapateiro. A professora pergunta aos alunos que acusações são essas. Os alunos devem dizer que o Diabo acusa o Sapateiro de ter roubado e enganado o povo com a sua profissão. A professora concorda e pede aos alunos que indiquem os versos onde essa acusação é feita. Os alunos devem indicar os seguintes versos: “calaste dous mil enganos. Tu roubaste bem trint’anos o povo com o teu mester”. A professora conclui: “Como podem ver, o Diabo anula a defesa do Sapateiro apontando, como argumento de acusação, a desonestidade do Sapateiro.”

15º Momento: A professora continua a ler a fala do Diabo e diz: “Embarca, eramá pera ti, /que há já muito que te espero”, ou seja, embarca que já te espero há muito tempo. O Sapateiro recusa-se a entrar e defende-se usando outros argumentos. Que argumentos são esses?” Os alunos devem dizer que o Sapateiro se defende ao dizer que ouviu muitas missas e questiona se elas não o hão-de conduzir ao céu. A professora pergunta se o Diabo aceita este argumento de defesa, ao que os alunos devem responder que não. A professora pede, em seguida, que expliquem o sentido de “Ouvir missa, então roubar /é caminho per’aqui”. Os alunos devem dizer que o Diabo diz que ir à missa para, depois, roubar, não vale de nada. Que, assim, a entrada na barca do Inferno é garantida. A professora acrescenta que, com esta fala, o Diabo anula o argumento de defesa do Sapateiro. A professora pergunta se os alunos estão a anotar o que está a ser dito no manual ou no caderno e lembra que o devem fazer. Voltando ao texto, a professora lê, em voz alta, as falas seguintes do Sapateiro e do Diabo e pergunta aos alunos que argumentos de defesa e de acusação são usados ali. Elemento de defesa: deu dinheiro à igreja e rezou muito pelos mortos. A professora diz: “E em relação aos argumentos de acusação usados pelo Diabo?” Se os alunos não souberem responder, a professora dirá: “Vejam o sentido de “E os dinheiros mal levados, que foi da satisfação?” Os alunos já serão capazes de dizer que o Diabo acusa o Sapateiro de roubo e

pergunta-lhe como vai pagar ou indemnizar as pessoas que roubou. A professora chama a atenção para a seguinte expressão do Sapateiro, “puta da badana” e pergunta: “O que é que encontramos aqui outra vez?” Os alunos devem responder que se verifica, novamente, o uso do calão. Pergunta porque é que o Sapateiro faz referência ao cordovão e à badana que são materiais com os quais se faz calçado. Se os alunos não souberem responder, a professora dirá que, ao fazer referência a estes materiais, reafirma que nem ele, nem nenhum dos seus instrumentos entrarão na barca do Inferno.

A professora prossegue com a leitura em voz alta e diz: “O Sapateiro desloca-se à barca da Glória e pergunta ao Anjo se pode entrar. O Anjo responde que: “A cárrega t’embaraça.” Que sentido é que tem aqui cárrega?” A professora lembrará que carrega quer dizer carga, carregamento. Os alunos já saberão dizer que o Sapateiro não pode entrar na barca da Glória por causa da carga de pecados que traz consigo. A professora prossegue: “O Sapateiro pergunta se Deus não o deixa entrar na barca, que o que traz cabe em qualquer sítio. O Anjo responde que a barca indicada para ele é a barca do Inferno que é a que leva quem rouba sem vergonha nenhuma. Que acusação é que faz aqui o Anjo?” Os alunos devem responder que, assim como o Diabo, o Anjo acusa o Sapateiro de roubar, de ser ladrão: “Essa barca que (lá) está/leva quem rouba de praça.” A professora diz em seguida: “Tenham em atenção à seguinte fala do Sapateiro: “Ora eu me maravilho/ haverdes por tão grão peguilho/ quatro forminhas cagadas/ que podem bem ir chantadas/ num cantinho desse leito!” Acham que ao dizer isto, o Sapateiro percebeu a acusação que o Anjo lhe está a fazer?” Os alunos deverão responder e se não souberem a professora deverá explicar que o Sapateiro pensa que o Anjo não o deixa entrar na Barca da Glória por causa da carga que traz consigo que ocupa muito espaço. O Sapateiro não entende o duplo significado que o Anjo atribui à sua carga, logo, não entende a acusação que lhe está a ser feita. A professora pergunta se os alunos encontram calão nesta fala do Sapateiro ao que os alunos devem responder que sim, que está presente em “quatro forminhas cagadas”. A professora pergunta o que é que o Anjo responde ao Sapateiro por este dizer que estava espantado por o Anjo dar tanta importância a quatro formas de sapatos que cabem em qualquer lado. Os alunos devem responder, ou, se não souberem a professora explica, que o Anjo diz que, se o Sapateiro tivesse vivido honestamente, nem teria ali as formas porque estas simbolizam sua má conduta em vida. Como as tem ali, é sinal que é grande pecador.

A professora lê, em voz alta, as duas falas seguintes do Sapateiro e do Anjo e pergunta: “O que é que fica decidido nestas duas falas?” Os alunos devem responder que o destino do Sapateiro já estava traçado, ou seja, já estava decidido que o Sapateiro iria para o Inferno e que nada mais haveria a fazer. A professora pergunta aos alunos se o Sapateiro se resigna à sua condenação, ao que os alunos devem responder que sim.

16º Momento: Antes de avançar para a fala final do Sapateiro e, conseqüentemente, para o fim da cena, a professora chama a atenção dos alunos para o verbo cozer. A professora pergunta aos alunos se conhecem outra forma de escrever esta palavra. Os alunos devem responder que sim, que existe a forma coser. A professora diz: “Estas duas palavras (e escreve as palavras no quadro)

são pronunciadas de maneira igual mas escrevem-se de maneira diferente e têm significados diferentes. Sabem que nome se dá a estas palavras?”, ao que os alunos responderão que sim ou que não. Se não souberem responder, a professora dirá que são palavras homófonas e escreve esta designação no quadro para que todos possam ver e registar no caderno. A professora pergunta se perceberam a diferença e se conhecem outros exemplos de palavras homófonas. Se os alunos não conhecerem nenhum exemplo, a professora deverá escrever no quadro a seguinte frase: “ Eu sinto o meu cinto apertado.” Ainda dentro do exemplo dado pelo texto, a professora pergunta se os alunos sabem qual a diferença entre coser e cozer. Se não souberem ou não se lembrarem, a professora deve esclarecer que cozer é o acto de cozinhar um alimento e que coser é usado, por exemplo, em coser botões ou meias.

Palavras homófonas: Palavras que se pronunciam da mesma maneira mas que se escrevem de diferente maneira e têm significados diferentes.

Ex: *Cozer/coser*

Eu *sinto* o meu *cinto* apertado.

17º Momento: A professora lê, em voz alta, a última fala do Sapateiro e pergunta aos alunos porque se apressa o Sapateiro em entrar na barca do Inferno. Os alunos devem dizer que, apercebendo-se que a sua condenação era certa e que já nada havia a fazer, o Sapateiro resigna-se e não deseja perder mais tempo com argumentos de defesa. Pede, por isso, que o encaminhem para a barca do Inferno.

18º Momento: Feita esta análise, a professora pergunta aos alunos se eles sabem o quê ou quem pretende criticar Gil Vicente através da personagem do Sapateiro. Se os alunos não souberem a resposta, a professora poderá encaminhá-los na resposta ao dizer que, ainda hoje, muitos fiéis da igreja católica pensam poder anular os seus pecados única e exclusivamente através da oração e das idas à missa.

19º Momento: Para relembrar o que foi dito acerca da cena do Sapateiro, a professora pede aos alunos para que avancem até à página cento e vinte e dois do manual para que preencham a grelha que corresponde ao Sapateiro.


20º Momento: Para consolidar os conhecimentos, a professora projetará um diapositivo que faz o resumo da cena do Sapateiro.

21º Momento: A professora pede a um aluno que escreva o sumário no quadro. Todos os alunos copiam para o caderno diário.

22º Momento: A professora comunica que a aula acabou, arruma as suas coisas, despede-se dos alunos e sai da sala.

BIBLIOGRAFIA

- ✚ COSTA, Fernanda e MAGALHÃES, Olga (*et alli*), *Com Todas as Letras*, Língua Portuguesa 9º ano; Porto Editora.
- ✚ MELO, Sofia e RIO, Manuela, *A Casa da Língua*, Língua Portuguesa 9º ano, Porto Editora.
- ✚ REIGOTA, Fernanda e SILVA, Margarida (*et alli*), *Preparação para o Exame Nacional*, Língua Portuguesa 2012, Porto Editora.
- ✚ SARDINHA, Leonor e OLIVEIRA, Luísa, *Gramática Formativa de Português*, Didáctica Editora.

 <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃOVASCO</p>	<p>Escola Básica Grão Vasco</p> <p>Ficha de informação de Língua Portuguesa - 9º D</p> <p>2011 / 2012</p> <p>Relação entre palavras com semelhanças fonéticas ou gráficas</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Palavras homónimas:

Designam-se por palavras homónimas as que apresentam a mesma pronúncia e a mesma grafia, mas têm significado diferentes.

Canto todas as manhãs. (f. verbal)

O teu trabalho foi vão. (adjetivo)

Eles vão para Londres. (forma verbal)

Ela está no canto da sala. (nome)

Outros
homónimos:

Caia (verbo cair) / caia (verbo cair)

Lente (professor) / lente (vidro)

Livro (nome) / livro (verbo livrar)

Saia (nome) / saia (verbo sair)

Vaga (onda) / vaga (vazia)

Vale (nome) / vale (verbo valer)

Palavras homófonas:

São palavras homófonas as que têm igual som, mas apresentam grafia e significados diferentes.

Segui o teu conselho.

Esteve toda a tarde a

O pão deve cozer em bom forno.

coser roupa.

Esta é uma freguesia do concelho de

Lisboa.

Ouve / houve

Poça / possa

Sinto / cinto

Trás / traz

Vês / vez

Outros exemplos de palavras homófonas:

À / há

Apressar / apreçar

Cem / sem

Concerto / conserto

Palavras homógrafas:

São palavras homógrafas as que apresenta grafia significado e som diferentes.

idêntica, mas

A abelha fabrica o mel. (forma verbal)

Ele duvida de ti. (forma verbal)

A fábrica trabalha regularmente (nome)

A dúvida começa a instalar-se (nome)

Outros exemplos de palavras homógrafas:

Dúvida (incerteza)	Duvida (verbo duvidar)
Governo (administração)	Governo (verbo governar)
Hábito (vestuário)	Habito (verbo habitar)
Número (quantidade)	Numero (verbo numerar)
Ópera (obra dramática ou lírica)	Opera (verbo operar)

Palavras parónimas:

São palavras que possuem significados diferentes, mas grafia e pronúncia aproximadas.

Quando o viu fez-lhe um grande cumprimento. (saudação)

O comprimento da sala é muito grande. (medida)

Aprender (instruir-se)	Apreender (assimilar)
Crer (acreditar)	Querer (pretender)
Descrição (ato de escrever)	Discrição (qualidade de ser discreto)
Emergir (vir à superfície)	Imergir (mergulhar)
Eminente (elevado)	Iminente (prestes a acontecer)
Evadir (fugir)	Invadir (apoderar-se)



Símbolos Cénicos:

- Avental: simboliza a profissão
- Carregado de formas de sapatos: simbolizam a sua profissão e vem carregado pelos seus pecados

Tipo:

- Povo (artesão)

Argumentos de acusação:

- Roubava
- Enganava
- Religião mal praticada



Argumentos de defesa: (práticas religiosas)

- Rezava e ia à missa (o fidalgo usou a mesma defesa)
- Fazia ofertas à igreja
- Confessava-se
- Fez todas as práticas religiosas

Crítica feita por Gil Vicente a todas as rezas:

- Forma superficial de como os católicos praticavam a religião
- julgavam que as rezas, missas, comunhões, tinham mais valor que praticar o bem

Desenlace:

- Inferno

Escola Básica Grão Vasco de Viseu

Ano lectivo 2011/ 2012

PLANO DE AULA IV

Disciplina: Língua Portuguesa - 9.º D

Lição n.º 133 e 134

Unidade: Texto Dramático

(*O Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente)

Cena: A Alcoviteira



A PROFESSORA ESTAGIÁRIA:

Vera de Jesus

Conteúdos	Objetivos	Estratégias / atividades	Recursos	Avaliação
<p>▪ Leitura orientada:</p> <p>➤ Texto dramático:</p> <p>. Personagens;</p> <p>. Didascália;</p> <p>. Símbolos cénicos caracterizadores;</p> <p>. Percurso cénico da personagem;</p> <p>. Argumentos de defesa e de acusação;</p> <p>. Conjugação perifrástica;</p> <p>. Recursos expressivos:</p> <p>- ironia</p> <p>- perífrase</p> <p>. Tipos de cómico:</p> <p>- Situação</p> <p>- Caráter</p> <p>- Linguagem</p>	<p>. Descrever a imagem e identificar as personagens presentes;</p> <p>. Compreender globalmente a cena em estudo;</p> <p>. Apropriar-se de estratégias para a construção de sentidos;</p> <p>. Identificar o sentido da conjugação perifrástica;</p> <p>. Identificar símbolos cénicos;</p> <p>. Identificar expressões caracterizadoras das personagens;</p> <p>. Identificar recursos expressivos;</p> <p>. Explicitar o valor expressivo</p>	<p>. Visualização e descrição de uma imagem;</p> <p>. Audição da cena em áudio acompanhada da leitura silenciosa;</p> <p>. Diálogo interativo para exploração vocabular e ideológica;</p> <p>. Interpretação da cena em análise, através da resolução de uma ficha de trabalho;</p>	<p>. Projetor de vídeo e computador</p> <p>. Manual “<i>Com Todas as Letras</i>”, Porto Editora</p> <p>. Quadro</p> <p>. Caderno diário</p> <p>. Imagem de motivação</p> <p>. Ficha de trabalho</p> <p>. Ficha informativa</p> <p>. PowerPoint</p>	<p>. Observação direta:</p> <p>. Pontualidade e assiduidade</p> <p>. Empenho</p> <p>. Interesse</p> <p>. Comportamento</p> <p>. Participação</p>

<p>▪ Conhecimento explícito da língua - Tonalidades de sentido mais frequentes da conjugação perifrástica</p> <p>▪ Escrita</p>	<p>dos recursos presentes no texto;</p> <p>. Identificar o percurso cénico das personagens;</p> <p>. Explicitar a intencionalidade crítica.</p> <p>. Distinguir os sentidos mais frequentes da conjugação perifrástica;</p> <p>. Utilizar técnicas de registo de informação e de organização do trabalho.</p>	<p>-Explicitação do sentido de conjugação perifrástica - distribuição de uma ficha informativa;</p> <p>- Realização de uma ficha de trabalho,</p> <p>. Elaboração coletiva do sumário e registo do mesmo no quadro e nos cadernos diários.</p>		
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

DESENVOLVIMENTO DA AULA E FUNDAMENTAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA:

1º Momento: A professora entra na sala, cumprimenta os alunos, verificando se todos estão presentes. Refere que vai continuar com o estudo do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente.

2º Momento: A professora projeta uma imagem, dizendo, em simultâneo que a cena que vão estudar é a da Alcoviteira e, como estratégia de motivação, pergunta aos alunos se sabem o que é uma Alcoviteira ou se conhecem alguma Alcoviteira.

3º Momento: Depois, a professora pergunta: “O que é que esperam encontrar nesta cena? O que pensam que vai acontecer nesta cena?”. Os alunos devem responder de variadas formas tendo que ter em conta, no entanto, aquilo que foi dito anteriormente acerca das Alcoviteiras. A professora diz: “Vamos ver se as coisas que disseram são confirmadas com o texto”. Desta forma, faz-se uma antecipação das expectativas que os alunos têm relativamente à cena, despertando a sua curiosidade. Pode-se, posteriormente, confirmar ou rejeitar previsões anteriores conferindo um papel ativo ao aluno no processo de leitura.

4º Momento: A professora coloca um CD e pede que os alunos abram o livro na página 139, 140 e 141, para acompanharem em leitura silenciosa o diálogo entre as personagens da cena em análise.

5º Momento: Após a leitura/ audição, a professora pergunta aos alunos se entenderam a cena e o que é que acharam desta alcoviteira. Também pergunta se as ideias iniciais apresentadas se confirmam ou não. A professora pretende que os alunos demonstrem a sua opinião crítica relativamente à personagem.

6º Momento: De seguida a professora pergunta, então, se esta personagem se assemelha a outras personagens ao nível do percurso cénico e pede para que os alunos indiquem diferenças entre esta e as outras personagens, se as diferenças existirem. Os alunos devem responder que a Alcoviteira tem o mesmo percurso cénico que algumas das personagens que foram condenadas, mas que, ao contrário das outras, esta se diferencia porque tem um nome. Para que os alunos cheguem a essa conclusão a professora pede para que estes atentem na didascália inicial.

7º Momento: A professora pede aos alunos que prestem atenção à primeira fala da «cena», e pergunta-lhes qual é reação do Diabo ao saber que o passageiro que chama por ele é Brísida Vaz. Os alunos deverão responder que o diabo se espanta por Brísida não entrar logo na barca. A professora pergunta, então, o porquê dele reagir assim, devendo os alunos responder

que, desde logo, o Diabo sabe que ela vai para o Inferno.

8º Momento: A professora lembra que, tal como em cenas anteriores, o Diabo é consciente do destino das personagens e, por isso, pode gozar com elas e até condená-las muito antes de estas se aperceberem que vão entrar na barca. É também por isso que mais tarde o Diabo dirá: “que sabroso arrepear”, em resposta à recusa de Brísida em entrar na barca. Para que isso fique claro, a professora pergunta aos alunos porque é que Brísida se nega a entrar na barca. Os alunos podem responder que ela se nega porque não quer ser condenada, aliás, ela repete mais que uma vez que não é aquela a barca que procura. A professora pergunta ainda aos alunos do que é que ela está convencida, ao que os alunos devem responder que esta crê na sua salvação, isto é, acredita que vai embarcar na Barca da Glória.

9º Momento: A professora pergunta com que sentido é utilizado na fala do Companheiro do Diabo “há-de vir”. Certamente que os alunos respondem que transmite ideia de futuro. A professora explica que estamos perante uma conjugação perifrástica. Explica que muitas vezes uma simples forma verbal é insuficiente para nos dizer como se desenrola a ação, mas que, em alguns casos, temos a necessidade de dar um sentido mais preciso a uma determinada ideia. Para que os alunos compreendam melhor, a professora coloca no quadro as seguintes frases “Cheguei a casa” e “Acabei de chegar a casa”, explicando que o momento de chegar a casa é mais indeterminado no primeiro exemplo. A professora chama a atenção para a formação da conjugação perifrástica (verbo auxiliar + preposição ou não + verbo principal no infinitivo ou gerúndio). Seguidamente, a professora entrega uma ficha informativa aos alunos, é lida em voz alta e esclarecem-se quaisquer dúvidas que possam surgir.

10º Momento: Atentando agora na fala do Diabo “E trazes vós muito fato?”, a professora quer que os alunos identifiquem os elementos cénicos que esta personagem traz consigo e qual o seu significado. Para isso, pergunta aos alunos o que é que Brísida responde quando o Diabo a interroga acerca daquilo que traz. Os alunos devem responder que Brísida diz que traz uma grande carga, nomeadamente, “virgos postiços”, “arcas de feitiços”, “almários de mentir”, “cofres de enleios”, “furtos alheios”, “guarda-roupa de encobrir”, “casa movediça” e “couxins de encobrir”. A professora pergunta, então, que nome se dá a estes objetos que as personagens trazem. Os alunos devem responder que são símbolos cénicos da personagem.

11º Momento: A professora pergunta: Para que é que nos remetem?” Os alunos possivelmente sentirão alguma dificuldade em entender qual o significado das expressões: “virgos postiços”, “almários de mentir”, “cofres de enleos” e “couxins de encobrir”. A professora esclarece, por isso, as eventuais dúvidas que possam surgir. Após os esclarecimentos, a professora recorda a pergunta, à qual os alunos devem responder dizendo que estes objetos nos remetem para atividades ligadas à prostituição, à bruxaria, à mentira e ao roubo.

12º Momento: Após esta atividade, a professora pergunta: “Porque é que Gil Vicente coloca a Alcoviteira em cena com tantos símbolos cénicos?” Qual era a sua intenção?” Os alunos devem responder que o autor a coloca em cena tão carregada para a poder criticar mais facilmente assim como para que o público fique logo a saber que tipo de personagem era ela.

13º Momento: A professora diz, então, que vamos sistematizar tudo isso, revelando os argumentos que ela utiliza para se defender perante o Diabo e o Anjo. Assim sendo, na coluna dos argumentos de defesa perante o Diabo são colocadas as falas “ Eu sô ua martela tal, /Açoutes tenho levados/ e tormentos suportados/que ninguém me foi igual. / Se fosse ao fogo infernal, /lá iria todo o mundo!”. Na coluna dos argumentos de defesa perante o Anjo são colocadas as falas: “Eu sou aquela preciosa que dava as moças aos molhos, / a que criava as meninas/ pêra os cónegos da Sé.../E eu sou apostolada, angelada e martelada e fiz cousas mui divinas. / (...) “Santa Úrsula nom converteo tantas cachopas como eu”/ “E prouve aquele do Céu que todas acharam dono”.

14º Momento: A Professora chama a atenção dos alunos para a fala da Brísida quando esta diz “e prouve aquele do Céu”, e pergunta que figura de estilo está presente nesta fala. Os alunos devem responder que está presente a *perífrase*. Depois, a professora pergunta: “E em que é que ela consiste?” Os alunos devem responder que a perífrase é uma figura de estilo que consiste em se dizer por mais de uma palavra aquilo que poderia ser dito numa só (“prouve aquele do Céu” = Deus).

15º Momento: Depois, a professora questiona os alunos acerca dos argumentos e pergunta-lhes se estes surtem efeito nos interlocutores: “Acham que estes argumentos convencem o Anjo e o Diabo?”. Possivelmente os alunos respondem que não. A professora pergunta, então, o porquê de estes argumentos não terem o efeito desejado. Possivelmente, respondem que a Alcoviteira, na realidade, ao tentar defender-se, fornece argumentos de acusação, condenando-se. Caso os alunos tenham dificuldades em responder, a professora diz: “Nas outras cenas porque é que os argumentos das personagens não convencem nem o Anjo, nem o Diabo?”.

16º Momento: Seguidamente, a professora faz com que os alunos atentem nos argumentos de acusação e pergunta: “Quem é que acusa Brísida Vaz? Nesta cena, existe alguém que desempenhe o papel de acusador?” Os alunos deverão responder que nesta cena a acusação deriva da boca da própria personagem e que não existe nenhum advogado de acusação.

17º Momento: A professora, seguidamente, diz: “Vamos agora analisar as diferentes formas de tratamento que a Brísida utiliza. Acham que Brísida utiliza a mesma linguagem com o Anjo e com o Diabo? Porquê?” Os alunos podem responder que existe uma diferenciação. A

professora pede que exemplifiquem com excertos do texto. Os alunos justificam com as falas: “Passai-me por vossa fé/ (...) Santa Úrsula não converteu/ tantas cachopas como eu”; “Nom é essa barca que eu cato” (...) A professora faz atentar nos vocábulos “converter” e “salvar” e pergunta aos alunos com que intenção Brísida Vaz usa esse vocabulário. A professora pergunta: “ O que é que significa converter? Brísida converteu alguém realmente?” A professora leva os alunos a concluir que ela subverte o significado dos verbos para tentar convencer o anjo a deixá-la entrar na barca. Na realidade, ela tenta usar uma linguagem que lhe parece semelhante à das pessoas boas, para parecer boa, aos olhos do Anjo.

18º Momento: A professora pergunta seguidamente: “O que é que estas falas indicam relativamente ao carácter de Brísida?” Os alunos podem responder que Brísida é dissimulada. A professora conclui, então, que Brísida Vaz utiliza formas diferentes de tratamento de forma a conseguir o que quer: entrar na barca da Glória. No entanto, os seus artifícios não resultam e esta dirige-se à Barca do Inferno.

19º Momento: Para finalizar, professora menciona a última fala do diabo. Na última fala da cena da Alcoviteira, o Diabo diz: “ora entrai, minha senhora/ e serês bem recebida”/ se viveste santa vida/ vós o sentirês agora.” “O que é que o diabo está aqui a fazer? Que quer ele dizer com isto? Que sentido dar a esta afirmação?” Os alunos, provavelmente, responderão que o Diabo está a gozar com ela e que está a ser irónico. Caso, os alunos não consigam responder, a professora ajuda dizendo: “O que é que acontece com todas as personagens que entram na barca do Inferno?” Porque é que elas são castigadas? O que é que o diabo faz ao longo de todas as cenas?” A partir daqui, a professora pergunta aos alunos: “Podem dar-me outros exemplos de ironia presentes no texto?” Provavelmente, dizem que estes se encontram nas primeiras falas do diabo: “*Que sabroso arrepear*”. Caso os alunos demonstrem dificuldades para responder, a professora refere que o outro exemplo se encontra nas falas Iniciais.

20º Momento: A professora entrega, de seguida, uma ficha de trabalho de interpretação da cena para que os alunos a realizem a pares. Esta ficha de trabalho servirá para sistematizar o estudo da cena em análise e permite que os alunos registem as respostas. A correção da mesma é feita através de diálogo interativo e com a projeção em simultâneo de diapositivos.

21º Momento: A professora pede a um aluno que escreva o sumário no quadro. Todos os alunos copiam para o caderno diário.

Sumário: Leitura e audição da cena em registo áudio da Alcoviteira da obra vicentina. Resolução de uma ficha de trabalho e projeção de diapositivos para análise da mesma. A conjugação perifrástica e os seus significados.

22º Momento: A professora comunica que a aula acabou, arruma as suas coisas, despede-se dos alunos e sai da sala.

BIBLIOGRAFIA

- ✚ AMORIM, Clara e SOUSA, Catarina, *Gramática da Língua Portuguesa*, Porto, Areal Editores;
- ✚ COSTA, Fernanda e MAGALHÃES, Olga *et alii*, *Com Todas as Letras, Língua Portuguesa 9º ano*, Porto, Porto Editora;
- ✚ MELO, Sofia e RIO, Manuela, *A Casa da Língua, Língua Portuguesa 9º ano*, Porto, Porto Editora;
- ✚ REIGOTA, Fernanda e SILVA, Margarida *et alii*, *Preparação para o Exame Nacional, Língua Portuguesa 2012*, Porto, Porto Editora;
- ✚ SARDINHA, Leonor e OLIVEIRA, Luísa, *Gramática Formativa de Português*, Lisboa, Didáctica Editora.

OUTROS RECURSOS:

- ✚ https://www.google.pt/search?q=a+alcoviteira+gil+vicente&hl=pt-PT&prmd=imvnso&source=lnms&tbn=isch&ei=2OaeT-22K8fJhAfBhJyVDw&sa=X&oi=mode_link&ct=mode&cd=2&ved=0CA4Q_AUoAQ&biw=1366&bih=536



Escola Básica Grão Vasco
Língua Portuguesa - 9º ano
2011 / 2012
Ficha de informação

Aluno: _____ Nº _____
Turma _____

Conjugação Perifrástica

A conjugação perifrástica é uma conjugação constituída por um **verbo auxiliar** e por um **verbo principal** no **gerúndio** ou no **infinitivo** (pode ser precedido por preposição). Alguns verbos auxiliares da forma perifrástica são os seguintes: ir, vir, andar, deixar, estar, ter, haver, começar, acabar, continuar.

Sentidos mais frequentes:

1. Necessidade ou obrigatoriedade de praticar a acção:

Ex: Tenho de comprar umas calças.

Ter de + infinitivo

2. Resolução ou certeza:

Ex: Hei-de ir ao cinema na quinta-feira.

Haver de + infinitivo

3. Intenção de, ou proximidade de realização:

Ex: Estávamos para ir ao Brasil, mas desistimos.

Estar para + infinitivo

4. Realização futura, que pode ser imediata ou não:

Ex: O avião vai partir.

Ir + infinitivo

5. Acontecimentos que ocorrem ao mesmo tempo:

Ex: Estava a chover, quando te vi.

Íamos a sair, quando ele entrou.

Estar a + infinitivo
Ir a + infinitivo

6. Realização prolongada:

Ex: A Marisa **anda a tirar** a carta de condução.

Estávamos a ser enganados no negócio.

Ele **andava procurando** por aí.

Eu **estava procurando** uma solução.

Andar a + infinitivo ou estar a +
infinitivo
Andar + gerúndio ou estar +
gerúndio

7. Realização gradual:

Ex: As folhas **iam caindo** das árvores.

As pessoas **vão a entrar** no autocarro.

Eles **vêm chegando** da praia.

Ir + gerúndio ou ir a + infinitivo
Vir + gerúndio ou vir a + infinitivo

8. Resultado final da acção:

Ex: **Viríamos** depois a saber que a notícia era falsa.

Vir a + infinitivo

9. Probabilidade ou dever:

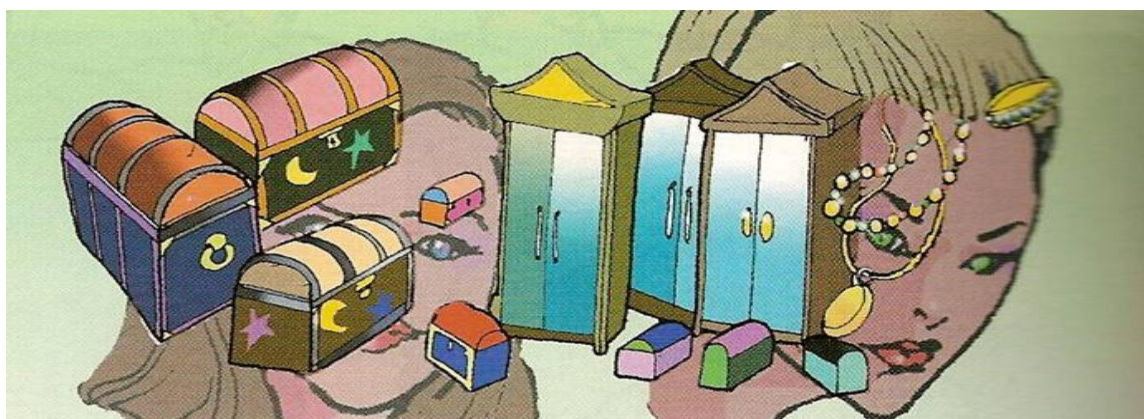
Ex: A minha mãe é que **deve saber** o que foi.

Dever+ infinitivo



Escola Básica Grão Vasco
Língua Portuguesa - 9º ano
2011 / 2012
Ficha de trabalho

Aluno: _____ Nº _____ Turma _____



- Depois da leitura da cena A Alcoviteira do Auto da Barca do Inferno, responde, com correção e clareza, às questões que se seguem.

1. Explica em que medida o percurso cénico da Alcoviteira se assemelha ao de outras personagens.

2. Apesar de lhe ter sido atribuído o nome Brísida Vaz, a personagem é uma personagem-tipo. Explica a afirmação.

3. _____

4. Identifica os elementos cénicos que esta personagem traz. Explica a sua simbologia.

5. Indica o motivo que justifica a presença de tantos símbolos cénicos.

-
-
6. Transcreve as expressões onde se denotam os argumentos de defesa usados por Brísida Vaz.

-
-
-
7. Explica por que razão os argumentos não convencem.


-
-
-
8. Indica os argumentos que condenam a personagem.

-
-
-
9. Identifica a intenção crítica de Gil Vicente nesta cena.

A Alcoviteira

Que significa o termo?


Proprietária de casa de prostituição, fofoqueira, mexeriqueira.



O que esperam então encontrar nesta cena?

Argumentos de acusação:

- Brísida foi acusada de ganhar a vida à custa de prostituição.



Argumentos de defesa:

- Defende-se dizendo que era perfeita tal como os apóstolos e os anjos. Afirmou que tinha feito muitas coisas divinas e que salvara todas as moças (arranjando-lhes casamento ou um homem para cuidar delas);
- Ela entregava as moças aos frades;
- É uma mártir pois foi muito castigada;
- Se ela fosse condenada, toda a sociedade o seria.


Análise da cena

“A Alcoviteira”



A intenção de Gil Vicente era...

- ✓ Denunciar a “profissão” dedicada à prostituição e feitiçaria;
- ✓ Criticar o desencaminhamento de mulheres casadas e solteiras;
- ✓ Criticar a angariação de raparigas para a prostituição;
- ✓ Criticar algumas pessoas do povo que ganhavam dinheiro à custa de vigarice;
- ✓ Criticar o clero – “criava as meninas / pera os cônegos da Sé...”




Percurso cénico:

Cais →  →  → 

Barca do Inferno Barca da Glória Barca do Inferno, onde embarca.

Caracterização da Brísida:

Era uma personagem que explorava a prostituição, arranjava casamentos, mentia, roubava e que, sobretudo, enganava. É lisonjeadora para com o Anjo e decidida para com o diabo.



Personagem tipo

Representa

- Grupo profissional das Alcoviteiras
- Grupo social: Povo

Tipos de cómico:

Os tipos de cómico utilizados nesta cena são:

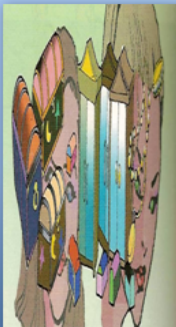
- o Cómico de linguagem (exemplo: “cuidais que trago piolhos?”),
- o Cómico de caráter (exemplo: “eu som apostolada ... fiz cousas muj divinas”),
- o cómico de situação, quando muda o tipo de linguagem com que fala com o Diabo (decidida) e com o Anjo (lisonjeadora).

Símbolos e significados

Os símbolos são:

- 600 virgos (hímenes) postigos;
- 3 arcos com feitiços
- 2 armários com mentiras
- 5 cofres de enleios
- Furtos
- Jóias e roupas
- Carroça
- Estrado de cortiça
- 2 almofadas para sentar
- Moças
- ... Enfim, casa movediça

Revelam não só a sua profissão como também a sua caracterização: é ladra e mentirosa.



- Alcoviteira da época: era aquela que explorava a prostituição e arranjava casamentos.
- Alcoviteira atual: são as pessoas que falam constantemente mal umas das outras, criando problemas com os seus mexericos.

1.3 Reflexão sobre as aulas

Este ponto tem a ver com tudo o que remete para o desenvolvimento e criação de situações de ensino-aprendizagem que garantem a concretização da planificação. É de salientar que sempre consegui criar o ambiente necessário para uma boa relação pedagógica, agindo de forma correta e segura face às poucas situações de indisciplina. Julgo ter mostrado autoridade, embora não tenha sido excessiva, para que os alunos percebessem logo desde o princípio que existiam regras que deveriam ser cumpridas dentro da sala de aula. Penso ter criado um meio-termo, ou seja, nunca fui autoritária, mas sempre exigi as normas de conduta para que assim o processo de ensino-aprendizagem resultasse.

Na maioria das vezes, consegui executar a aula de acordo com o planificado, e, se alguma vez não o terei conseguido, foi o resultado do cuidado que sempre tive em atender aos ritmos individuais de cada aluno, procurando retroceder sempre que houve necessidade, para que não restassem quaisquer dúvidas.

Consciente de que para ter um bom desempenho profissional era necessário uma boa preparação prévia, nunca descurei o meu “trabalho de casa”, isto é, preparei sempre as aulas de forma organizada e cuidada, aceitando sempre as sugestões dos meus orientadores, com o objetivo de um aperfeiçoamento constante.

Também a motivação dos alunos para as tarefas propostas foi uma das minhas preocupações. Para as minhas aulas previ sempre diferentes estratégias e materiais, todos elaborados por mim, porque só assim considerava apresentar os materiais que respondessem à especificidade da turma. As atividades e estratégias utilizadas na lecionação das minhas aulas foram: fichas de trabalho e de informação policopiadas, material áudio, vídeo e apresentação de diapositivos com imagens bastante apelativas, quer para motivação no início da aula, quer para resumir os conteúdos no final da aula. Utilizei ainda bastantes vezes o quadro e o giz para explicar conteúdos gramaticais e fazer exercícios. O visionamento de vídeos e os comentários aos mesmos, a leitura silenciosa e expressiva, o diálogo interativo, a projeção de diapositivos com exploração dos mesmos, a audição de textos do manual adotado, a resolução de fichas formativas e a representação de textos dramáticos são todas estratégias diversificadas que ajudam a motivar os alunos.

Postura e tom de voz são duas características nas quais penso nunca ter tido qualquer dificuldade e, como me considero bastante empenhada em aprofundar os meus conhecimentos, revelei quase sempre uma grande segurança nos conteúdos abordados, exprimindo-me com bastante clareza e correção e sem falhas linguísticas ou científicas. Sempre procurei utilizar um discurso motivador, original e criativo, adequando-o à heterogeneidade das situações de comunicação verificadas na sala de aula.

2 Espanhol

2.1 Introdução

Tal como fiz para a disciplina de Língua Portuguesa, também para o Espanhol apresentarei uma apreciação crítica das atividades realizadas.

Foram agendadas reuniões semanais, nas quais se fazia a distribuição das sequências didáticas, a planificação das aulas, a seleção das estratégias, atividades e conteúdos programáticos e a elaboração de materiais. Faziam-se igualmente a reflexão das aulas observadas incidindo na auto-crítica_ onde eu identificava o que tinha corrido melhor e o que pensava ter corrido pior_ e uma heterocrítica_ em que a orientadora dava sugestões de aperfeiçoamento.

Também se realizaram reflexões sobre a avaliação dos alunos efetuada nas aulas observadas, a saber: observação direta das atitudes e comportamentos, das intervenções orais e da realização dos trabalhos de casa.

Também se debateram questões relacionadas com dúvidas relativas à planificação e à execução dos conteúdos programáticos e, quando necessário, discutiu-se a elaboração de testes, respetivas matrizes e correções.

Fui acompanhando, ao longo de todo o ano letivo, todo o trabalho da Direção de Turma, na medida em que a Diretora de Turma me mantinha informada sobre o comportamento da turma, entre outros aspetos relevantes.

Contudo, também encontrei algumas condicionantes tais como, o facto de não ter uma turma da minha inteira responsabilidade, que faz com que os alunos sintam que podem desobedecer porque não vão ser avaliados pela professora estagiária, o facto de ser a única estagiária do núcleo, o que impossibilitou a heterocrítica, alguns problemas físicos e estruturais relacionados com o facto de estar numa escola antiga, o que impossibilitou, na maioria das vezes uma boa visualização dos materiais projetados, assim como do material informático, que nem sempre se encontrava a funcionar na perfeição. Ainda assim, nada me impediu de realizar com sucesso as minhas atividades, encontrando sempre alguma alternativa quando me deparava com algo do género.



2.2 Planificações

No princípio, a planificação revelou-se uma tarefa um pouco complicada devido ao facto de não estar acostumada a realizar este tipo de materiais. No entanto, com o passar do tempo, as dúvidas que apresentava inicialmente, forma-se dissipando e, considero ter evoluído bastante neste campo.

Na minha opinião, planifico com correção científico-pedagógica,, prevendo estratégias diversificadas e motivadoras, bem como a utilização de materiais adequados. Servem de exemplo alguns dos materiais utilizados até ao momento, tais como: fichas formativas e de informação policopiadas, material áudio, vídeo e apresentação de diapositivos com imagens apelativas. Utilizei ainda por diversas vezes o quadro e o giz para explicar conteúdos gramaticais e fazer exercícios.

Para além disso sempre me exprimi com bastante clareza e correção e sem falhas linguísticas ou científicas. Procurei utilizar sempre um discurso motivador, original e criativo, adequando-o à heterogeneidade das situações de comunicação verificadas na sala de aula e partindo das experiências dos alunos.

As seguintes páginas serão então dedicadas a algumas planificações e materiais que serviram de apoio à leção das aulas.

 <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃOVASCO</p>	<p>Escola Básica Grão Vasco Espanol 1 - 2011 / 2012</p>	
<p>PLAN DE CLASE: LECCIONES N^{os} 12 y 13 / 15 y 16</p>		

NIVEL	A1
TEMA	Mi colegio
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Practicar la comprensión auditiva. ✓ Practicar la comprensión lectora. ✓ Practicar la expresión oral. ✓ Practicar la expresión escrita. ✓ Ampliar el vocabulario del colegio. ✓ Flexionar el género y el número de sustantivos y adjetivos.
DESTREZAS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comprensión auditiva y lectora. ✓ Destrezas lingüísticas. ✓ Expresión oral y escrita.
CONTENIDOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Léxicos <ul style="list-style-type: none"> ○ Vocabulario relativo al colegio y el aula. ✓ Funcionales <ul style="list-style-type: none"> ○ Hablar del colegio y del material escolar. ○ Flexionar el género y el número de los adjetivos y sustantivos. ✓ Gramaticales <ul style="list-style-type: none"> ○ Género y número de adjetivos y sustantivos.
DESTINATARIOS	Alumnos del séptimo curso G
MATERIAL NECESARIO	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ordenador y proyector ✓ Pizarra blanca y bolígrafo ✓ Libro del Alumno ✓ Presentaciones PowerPoint / Flash ✓ Cuaderno de clase y material de escritura
DURACIÓN	90 minutos + 90 minutos



FECHA	18 y 25 de octubre de 2011
<p>DESARROLLO DE LAS ACTIVIDADES:</p> <p>Lecciones nº 12 y 13:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Registro del resumen de la clase anterior (Días festivos en España. El 12 de octubre y el día de la Hispanidad) y de la lección del día (10 min.). 2. Para introducir el nuevo tema, presentación Flash con ejercicios de audición para identificar los espacios escolares: http://cvc.cervantes.es/ensenanza/mimundo/mimundo/default.html (10 min.). 3. Realización de un ejercicio de llevar cada niño al espacio del colegio que buscan: http://cvc.cervantes.es/ensenanza/mimundo/mimundo/default.html (10 min.) 4. Realización del ejercicio 1 de la página 6 del libro (aula y materiales de clase). http://moodle.esev.ipv.pt/graovasco/mod/resource/view.php?id=3303 (20 min.) 5. Presentación de imágenes para señalar el intruso en los materiales escolares y ampliar vocabulario. http://moodle.esev.ipv.pt/graovasco/mod/resource/view.php?id=3304 (20 min.) 6. Resolución de una ficha de trabajo con una sopa de letras (para repasar el vocabulario de la clase). http://moodle.esev.ipv.pt/graovasco/mod/resource/view.php?id=3305 (20 min.) <p>Lección nº 14 (tutora)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Identificación del género gramatical de los objetos de clase y artículos determinados e indeterminados correspondientes a cada género y número: tabla en la pizarra y registro en los cuadernos de clase. 2. Realización de una ficha con ejercicios para flexión del género y número de los adjetivos y sustantivos: http://moodle.esev.ipv.pt/graovasco/mod/resource/view.php?id=3350 <p>Lecciones nº 15 y 16</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Registro del resumen de la clase anterior (Ficha de Ejercicios: el género y número de los adjetivos y sustantivos) y de la lección del día (10 min.). 2. Corrección de la ficha de trabajo realizada en la clase anterior. http://moodle.esev.ipv.pt/graovasco/mod/resource/view.php?id=3350 (40 min.) 3. Ejercicio de comprensión auditiva para introducir el tema de las presentaciones en español. (10 min.) http://moodle.esev.ipv.pt/graovasco/mod/resource/view.php?id=3485 4. Realización del ejercicio 4 de la página 7 y del ejercicio 6 de la página 8 del libro. (15 min.) (anexos 2 y 3) http://moodle.esev.ipv.pt/graovasco/mod/resource/view.php?id=3499 5. Resolución de una ficha de trabajo con las presentaciones de algunos famosos hispanohablantes y los verbos necesarios para presentarse: llamarse, ser y tener (15 min.): http://moodle.esev.ipv.pt/graovasco/mod/resource/view.php?id=3486 	
<p>EVALUACIÓN DE LOS ALUMNOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ expresión oral; ✓ producción escrita; 	

- ✓ empeño y participación en las actividades;
- ✓ grado de desarrollo de las competencias básicas de comunicación que engloban la comprensión de textos orales y escritos y la expresión oral y escrita.

EVALUACIÓN DE LAS ACTIVIDADES:

Del punto de vista de los alumnos:	Malo					Bueno	
	1	2	3	4	5		5

Del punto de vista del profesor:	Malo					Bueno	
	1	2	3	4			5

 <p>AGROPAMENTO DE ESCOLAS GRÃOVASCO</p>	<p>Escola Básica Grão Vasco Español 1 - 2011 / 2012</p>	
<p>PLAN DE CLASE: LECCIÓN Nº 28</p>		

NIVEL	A1
TEMA	EL CUMPLEAÑOS DE LA ABUELA (MI FAMILIA)
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Practicar la comprensión auditiva. ✓ Practicar la comprensión lectora. ✓ Practicar la expresión oral. ✓ Practicar la expresión escrita ✓ Repasar y ampliar léxico relativo a la familia (relaciones de parentesco) ✓ Utilizar los adjetivos posesivos.
DESTREZAS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comprensión auditiva y lectora, ✓ Destrezas lingüísticas, ✓ Expresión oral y escrita.
CONTENIDOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Léxicos <ul style="list-style-type: none"> ○ Vocabulario relativo a la familia. ✓ Funcionales <ul style="list-style-type: none"> ○ Hablar de las relaciones de parentesco. ○ Expresar posesión. ✓ Gramaticales <ul style="list-style-type: none"> ○ Adjetivos posesivos.
DESTINATARIOS	Alumnos del séptimo curso G
MATERIAL NECESARIO	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ordenador y proyector ✓ Pizarra blanca y bolígrafo ✓ Libro del Alumno ✓ Presentaciones PowerPoint / Flash ✓ Cuaderno de clase y material de escritura
DURACIÓN	45 minutos
FECHA	29 de noviembre de 2011

DESARROLLO DE LAS ACTIVIDADES:

7. Registro del resumen de la clase anterior y de la lección del día (5 min.)
8. Para introducir el nuevo tema, recordar a los alumnos que Bart ya les había presentado a su familia cuando vieron su casa. (1 min.)
9. Presentación de un PowerPoint con la familia de Los Simpson para recordar y ampliar el vocabulario relativo a las relaciones de parentesco. (10 min.) (anexo 1)
10. Presentación de un ejercicio en PowerPoint para colocación de las relaciones de parentesco en el árbol genealógico de la familia Simpson. (5 min.) (anexo 2)
11. Introducción al contenido gramatical, preguntándoles a los alumnos si se acuerdan de cómo Bart había presentado a su familia (ej. Homer es mi padre) (1 min.)
12. Preguntarles qué es lo que va subrayado en el ejemplo. (3 min.)
13. Proyección de una presentación en Flash para que los alumnos escuchen y copien al final, para sus cuadernos de clase, la tabla con los adjetivos posesivos. (10 min.)
http://www.juntadeandalucia.es/averroes/carambolo/WEB%20JCLIC2/Agrega/Lengua/Palabras/La%20palabra/contenido/lc009_0a01_es/index.html
14. Proyección de un ejercicio para rellenar con los adjetivos posesivos. (10 min.) (anexo 3)

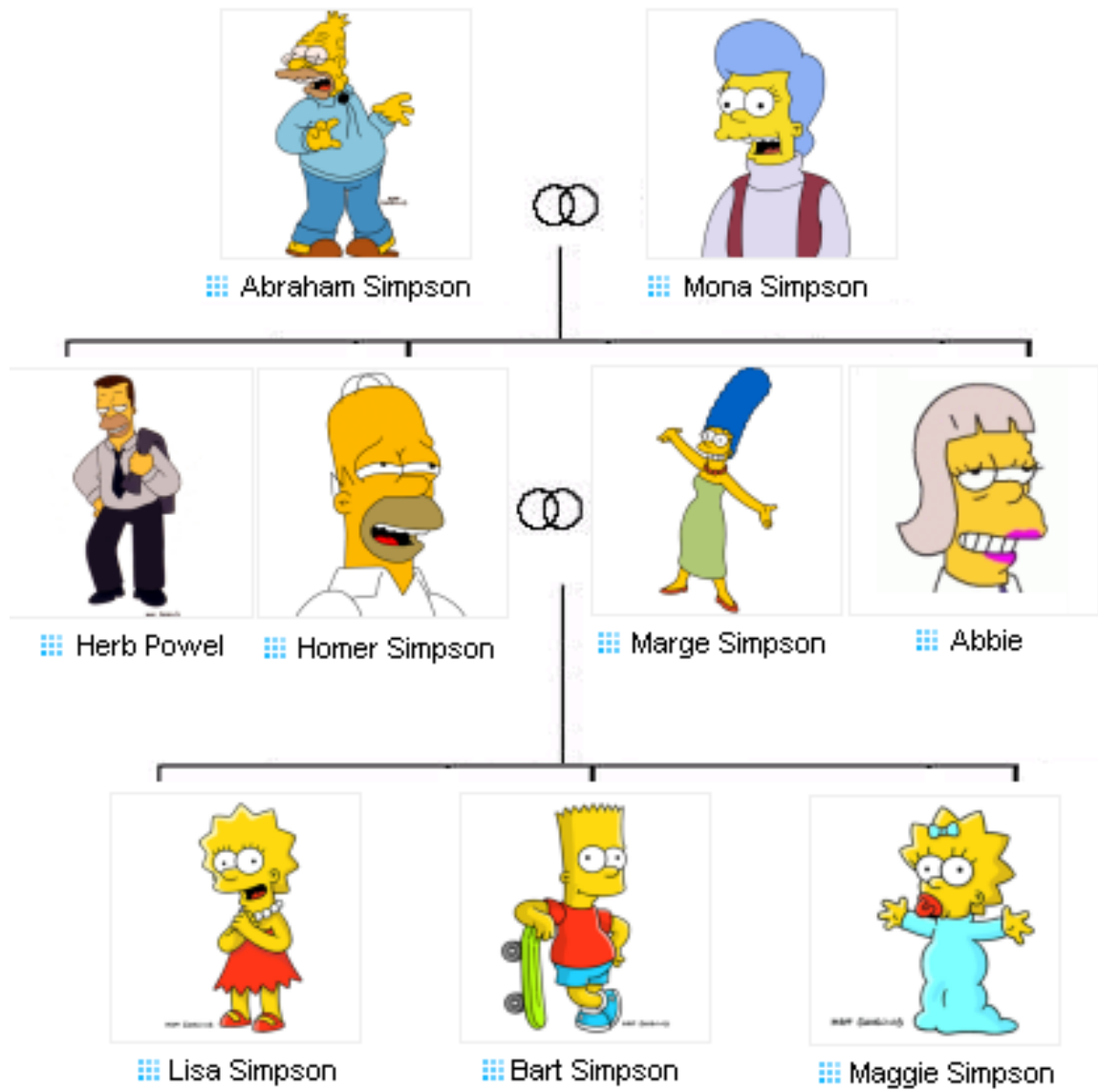
EVALUACIÓN DE LOS ALUMNOS:

- ✓ expresión oral;
- ✓ producción escrita;
- ✓ empeño y participación en las actividades;
- ✓ grado de desarrollo de las competencias básicas de comunicación que engloban la comprensión de textos orales y escritos y la expresión oral y escrita.

EVALUACIÓN DE LAS ACTIVIDADES:

Del punto de vista de los alumnos:	Malo					Bueno	
	1	2	3	4	5	(5)	
Del punto de vista del profesor:	Malo					Bueno	
	1	2	3	4		(5)	

La familia Simpson



Ejercicio 1. Coloca el adjetivo posesivo adecuado.

- | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>1. <u>Luisa</u> tiene un salón muy grande.
_____ salón es muy grande.</p> <p>2. <u>La niña</u> tiene una bicicleta nueva.
_____ bicicleta es nueva.</p> <p>3. <u>Yo</u> tengo un piso muy pequeño.
_____ piso es muy pequeño.</p> <p>4. <u>Tú</u> tienes libros interesantes.
_____ libros son interesantes.</p> <p>5. <u>Usted</u> tiene un coche descapotable.
_____ coche es descapotable.</p> <p>6. <u>Ella</u> tiene unos padres muy simpáticos.</p> | <p>_____ padres son muy simpáticos.</p> <p>7. <u>Vosotros</u> tenéis unos hijos muy guapos.
_____ hijos son muy guapos.</p> <p>8. <u>Nosotras</u> tenemos unas habitaciones muy soleadas.
_____ habitaciones son muy soleadas.</p> <p>9. <u>Ustedes</u> tienen una casa preciosa.
_____ casa es preciosa.</p> <p>10. <u>Tú</u> tienes vestidos elegantes.
_____ vestidos son elegantes.</p> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Adjetivos Posesivos

Pronombres Personales	1 cosa	+ que 1 cosa
Yo-----	mi -----	mis
Tú-----	tu-----	tus
Él / Ella / Usted-----	su-----	sus
Nosotros / Nosotras-----	nuestro/ nuestra-----	nuestros / nuestras
Vosotros / Vosotras-----	vuestro / vuestra-----	vuestros / vuestras
Ellos /Ellas / Ustedes-----	su-----	sus



Mi familia



¿Quiénes son?



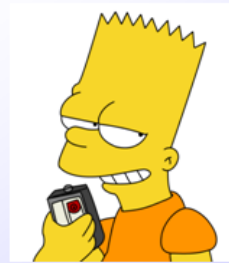
- Son mis padres

¿Quién es?



- Es mi padre

¿Quién es?



- Es mi hermano

¿Quién es?



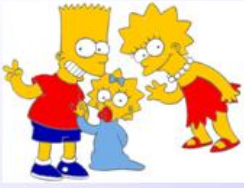
- Es mi madre

¿Quién es?



- Es mi hermana

¿Quiénes son?



- Son mis hermanos

¿Quién es?



- Es mi abuela

¿Quién es?



- Es mi abuelo

¿Quiénes son?



- Son mis abuelos



Escola Básica Grão Vasco
Espanol 1 - 2011 / 2012



PLAN DE CLASE: LECCIÓN Nº 33

NIVEL	A1
TEMA	Días festivos en España: Las Navidades
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Practicar la comprensión auditiva. ✓ Practicar la comprensión lectora. ✓ Practicar la expresión oral. ✓ ampliar léxico relativo a las Navidades.
DESTREZAS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comprensión auditiva y lectora. ✓ Destrezas lingüísticas. ✓ Expresión oral y escrita.
CONTENIDOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Culturales <ul style="list-style-type: none"> ○ Fiestas navideñas en España. ✓ Léxicos <ul style="list-style-type: none"> ○ Vocabulario relativo a las Navidades. ✓ Funcionales <ul style="list-style-type: none"> ○ Hablar de festividades en España.
DESTINATARIOS	Alumnos del séptimo curso G
MATERIAL NECESARIO	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ordenador y proyector ✓ Pizarra blanca y bolígrafo ✓ Libro del Alumno ✓ Presentaciones PowerPoint / Flash ✓ Cuaderno de clase y material de escritura
DURACIÓN	45 minutos
FECHA	13 de diciembre de 2011

DESARROLLO DE LAS ACTIVIDADES:

15. Registro del resumen de la clase anterior (La descripción física y los adjetivos) y de la lección del día (10 min.)
16. Explotación del PowerPoint para conocimiento de las fechas y tradiciones navideñas y su significado. (25 min.)(anexo 1)
17. Audición del villancico “campanas sobre campanas”. (5 min.)
<http://www.youtube.com/watch?v=DyRFHeNMoXA>
18. Ficha de actividades para aplicación de lo aprendido anteriormente. (10 min.)
<http://moodle.esev.ipv.pt/graovasco/mod/resource/view.php?id=3498>

EVALUACIÓN DE LOS ALUMNOS:

- ✓ expresión oral;
- ✓ producción escrita;
- ✓ empeño y participación en las actividades;
- ✓ grado de desarrollo de las competencias básicas de comunicación que engloban la comprensión de textos orales y escritos y la expresión oral y escrita.

EVALUACIÓN DE LAS ACTIVIDADES:

Del punto de vista de los alumnos:	Malo					Bueno	
	1	2	3	4	5		5
Del punto de vista del profesor:	Malo					Bueno	
	1	2	3	4			5

2.3 Reflexão sobre as aulas

Este ponto tem a ver com tudo o que remete para o desenvolvimento e criação de situações de ensino-aprendizagem que garantem a concretização da planificação. É de salientar que sempre consegui criar o ambiente necessário para uma boa relação pedagógica, agindo de forma correta e segura face às variadas situações de indisciplina por parte de alguns alunos. Julgo ter mostrado autoridade, embora não tenha sido excessiva, para que os alunos percebessem logo desde o princípio que existiam regras que deveriam ser cumpridas dentro da sala de aula. Penso ter criado um meio-termo, ou seja, nunca fui autoritária, mas sempre exigi as normas de conduta para que assim o processo de ensino-aprendizagem resultasse.

Consegui quase sempre executar a aula de acordo com o planificado, e, se alguma vez não o terei conseguido, foi o resultado do cuidado que sempre tive em atender aos ritmos individuais de cada aluno, procurando retroceder sempre que houve necessidade, para que não restassem quaisquer dúvidas a acrescentar ao facto do comportamento inadequado de alguns alunos.

Consciente de que para ter um bom desempenho profissional era necessário uma boa preparação prévia, nunca descurei o meu “trabalho de casa”, isto é, preparei sempre as aulas de forma organizada e cuidada, aceitando sempre as sugestões dos meus orientadores, com o objetivo de um aperfeiçoamento constante.

Também a motivação dos alunos para as tarefas propostas foi uma das minhas preocupações. Para as minhas aulas previ sempre diferentes estratégias e materiais, todos elaborados por mim, porque só assim considerava apresentar os materiais que respondessem à especificidade da turma. As atividades e estratégias utilizadas na lecionação das minhas aulas foram: fichas de trabalho e de informação policopiadas, material áudio, vídeo e apresentação de diapositivos com imagens bastante apelativas, quer para motivação no início da aula, quer para resumir os conteúdos no final da aula. Utilizei ainda bastantes vezes o quadro e o giz para explicar conteúdos gramaticais e fazer exercícios. O visionamento de vídeos e os comentários aos mesmos, a leitura silenciosa e expressiva, o diálogo interativo, a projeção de diapositivos com exploração dos mesmos, a audição de textos do manual adotado, a resolução de fichas formativas e a representação de textos dramáticos são todas estratégias diversificadas que ajudam a motivar os alunos.

A postura e o tom de voz são duas características nas quais penso nunca ter tido dificuldade e, como me considero bastante em aprofundar os meus conhecimentos, revelei sempre uma grande segurança na abordagem dos conteúdos lecionados. Talvez também tenha que ver com o facto de ter nascido a dez quilómetros de Espanha e ter estabelecido contacto desde muito cedo com as pessoas do país vizinho, assim como a minha larga experiência em dar aulas da disciplina e também pelas traduções orais e escritas em tribunais. Obviamente que todos estes fatores contribuem para uma melhor prestação de serviços. Sempre procurei utilizar um discurso motivador, original e criativo, adequando-o à heterogeneidade das situações de comunicação verificadas na sala de aula.

Capítulo III - Atividades Extracurriculares

1 Português e Espanhol

Relativamente às atividades extracurriculares, estas foram programadas no início do ano letivo e aprovadas em Conselho Pedagógico. Assim, foram realizadas com sucesso as seguintes atividades nas quais também eu participei: “Semana da Leitura”, no âmbito do Plano Nacional de Leitura com a exposição de trabalhos dos alunos realizados nas disciplinas de Língua Portuguesa, Educação Visual e Artes Plásticas, com a dramatização de pequenos textos e com a declamação de alguns poemas.

Também foi realizada uma ida ao Instituto Português da Juventude para assistir à peça de teatro denominada “Auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente, representada pelo grupo de teatro “Actus”.

Por último, os alunos realizaram uma visita de estudo a Lisboa no âmbito do S.P.O. Para isso visitaram a Futurália, que consistia em ajudar os alunos na escolha do curso a escolher já no ensino secundário.

O Plano Anual de Atividades da Escola Básica Grão Vasco determina que a única atividade a realizar pelo Departamento de Línguas, além das mencionadas anteriormente, são as seguintes: a semana das línguas, no caso das línguas estrangeiras, que consta de uma exposição de materiais alusivos às culturas hispânicas e exposição de trabalhos elaborados pelos alunos e a visita de estudo da turma que me foi atribuída ao Museu do Papel em Paços de Brandão e ao Castelo de Santa Maria da Feira. A visita foi organizada no âmbito da disciplina de História e Físico-Químicas, mas a turma G do 7º Ano foi acompanhada da respetiva diretora de turma.

Capítulo IV - Formação

1 Ações de formação

As ações de formação desempenham um papel importantíssimo na formação contínua de um professor. Sempre com a mesma predisposição de aprender coisas novas desde que ligadas à minha atividade profissional, participei em todas as ações de que tive conhecimento e disponibilidade.

Assim, no dia dezassete de novembro de 2011, participei na ação de formação intitulada “O que muda com o novo Dicionário Terminológico”, que teve lugar no Hotel Montebelo em Viseu e dinamizada pela Porto Editora.

Não menos interesse teve a ação de formação realizada a treze de março de 2012 subordinada ao tema “Escola Virtual”, dinamizada igualmente pela Porto Editora e que teve lugar na Escola Básica Grão Vasco.

Apenas no âmbito da disciplina de Espanhol, assisti a uma jornada de formação realizada no dia catorze de abril de 2012 na cidade da Guarda e com duração de quatro horas, subordinada aos temas: “El Mundo de Claudia, como propuesta para trabajar los contenidos léxicos, gramaticales, funcionales y culturales de 7º de Ensino Básico”, “Actividades lúdicas para la clase de Espanhol” e “¡Este libro está muy vivo! Soluciones digitales para el profesor de español para una enseñanza del siglo XXI”.

Ainda no âmbito da disciplina de español, no dia vinte de abril de 2012 estive presente na sessão de formação promovida pela editora Santillana, com duração de duas horas, sobre o tema: “Expressões idiomáticas/ falsos amigos: cultura de países de língua espanhola”, realizada na Escola EB 2,3 Infante D. Henrique, Viseu.

No dia vinte e três de abril de 2012, participei na ação de formação, cujo tema se denomina “Estratégias de Desenvolvimento da Competência Leitora”, realizada na Escola Básica 2,3 Grão Vasco com duração de uma hora e quarenta e cinco minutos e sob a orientação da Doutora Anabela Carvalho.

A última e nem por isso menos importante ação de formação a que assisti, denomina-se “Urgência na Escola”, dinamizada pelas enfermeiras Helena Rosário e Maria Francisco. A sessão decorreu no dia vinte e nove de maio e teve a duração de uma hora e trinta minutos.

Conclusão

Terminado este relatório e estando consciente de que possivelmente houve aspetos que terão ficado por abordar, é de referir que procurei, de uma forma global, mencionar toda a atividade por mim desenvolvida enquanto dinamizadora da ação educativa até à presente data.

Não querendo ser exaustiva, elaborei um comentário que pudesse refletir, de forma crítica, consciente e clara, esta nova etapa da minha vida profissional. E, apesar de alguma ansiedade e do enorme trabalho, esta minha experiência culmina com o concretizar de um sonho que qualquer pessoa, após longos e árduos anos de trabalho, ambiciona alcançar.

É de salientar que não pretendi de forma alguma fazer um relatório de auto-elogio, pois o que pretendo é sentir-me bem comigo própria, com a minha atividade e com aqueles que me rodearam e que mereciam a minha amizade.

Existe em mim a consciência de que desempenhei da melhor forma o meu papel, dedicando bastantes horas ao trabalho e privando-me de fazer muitas outras coisas a que estava habituada a fazer, no sentido de dar tudo o que tinha em prol do meu trabalho, da minha atividade e até de outras pessoas, mas, estou convicta de que colherei frutos deste trabalho.

Não me pretendo alargar em demasia nesta reflexão final sobre este ano de estágio. Tudo aquilo que para mim merecia ser alvo de reflexão e de referência, já o referi ao longo destas páginas.

Consciente de que ainda tenho um largo caminho a percorrer, considero ter desenvolvido um trabalho bastante positivo, com empenho e total dedicação, desde o primeiro momento. Tenho a certeza de que sou uma pessoa que gosta de ir mais além, sem dúvidas de que consegue fazer melhor. Só assim contribuirei para a superação das minhas dificuldades e contribuirei para a formação de cidadãos, uma tarefa muito complicada, mas que é um orgulho.

E, embora o estágio tenha terminado, a dedicação terá de continuar a ser a mesma ou até mais, quem sabe.

Resumindo, desde o primeiro dia de setembro, tive sempre muito trabalho, alguma ansiedade, poucas horas de sono, mas a recompensa virá e será certamente muito gratificante.

Nada disto teria sido possível se não tivesse o apoio de tantas pessoas que me querem bem, sempre predispostas a ajudar: amigos, orientadores e claro, principalmente a minha família.

Bibliografia

ESTRELA Edite, SOARES, Maria Almira, LEITÃO, Maria José, *Saber usar a nova ortografia*, Carnaxide, Editora Objectiva.

LOPES, Isabel Poço, PEIXINHO, Ana Teresa, *Acordo ortográfico 2011*, Edição Imprensa da Universidade de Coimbra.

CASTELEIRO, João Malaca, CORREIA, Pedro Dinis, *O novo acordo ortográfico*, Alfragide, Editora Texto.

SOUSA, José Martínez de, *Reforma de la ortografía*, Madrid, Visor Libros.

Ortografía de la Lengua Española, Madrid, Real Academia Española, 1999.

Ortografía de la lengua española, Madrid, Real Academia Española, 2010.

REIS, Carlos, DIAS, Ana Paula (et alii), *Programas do Português do Ensino Básico*, Ministério da Educação, Lisboa.

COSTA, Fernanda, MENDONÇA, Luísa, *Diálogos 7*, Porto, Porto Editora.

Mañana 1, ELE, Anaya.

Acordo Ortográfico. Guia Prático. Porto, Porto Editora, 2008

Webgrafia

<http://prowebpt.com/tudo-sobre-o-novo-acordo-ortografico/>

<http://www.onomazein.net/4/reforma.pdf>

http://es.wikipedia.org/wiki/Ortograf%C3%ADa_del_espa%C3%B1ol#Historia

http://www.wikilengua.org/index.php/Ortograf%C3%ADa_de_la_lengua_espa%C3%B1ola#Ortograf.C3.ADa_de_1999

http://www.wikilengua.org/index.php/Ortograf%C3%ADa#Per.C3.ADodo_alfons.C3.AD

http://www.wikilengua.org/index.php/Ortograf%C3%ADa#Entre_los_copistas_alfons.C3.ADes_y_la_Academia

<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>

<http://www.flip.pt/FLiPOnline/ConversorparaoAcordoOrtografico/tabid/566/Default.aspx>

<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>

Anexos